

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO: Como se é um bom mestre. — COLABORAÇÃO: Faltas de crianças, *José Lopes Pereira*. — Relatório de uma excursão a Belo Horizonte, *Maria Helena Monteiro*. — Teatrinho de Sombras, *Maria José Ferber e Alcina Lana*. — Biblioteca Infantil, alma da Escola Primária, *Nair Starling*. — O professor público em face da administração, *Raul de Almeida Costa*. — Atividades de um Clube Agrícola, *Ruth Bahia*. — Uma aula de Geografia na Escola Rural, *Tabajara Pedroso*. — TRANSCRIÇÕES: O problema da disciplina, *Mário Casasanta*. — Inquérito sôbre as qualidades do professor, *Everardo Beckheuser*. — NOTAS OFICIAIS: Portaria n. 4, do Departamento de Educação.

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

N.º 183 — ANO XIV — SET. - DEZEMBRO DE 1946

SOCIOLOGIA : PEDAGOGIA — LEGISLAÇÃO —
TÉCNICA E ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Diretor, prof. JOÃO BAPTISTA SANTIAGO

CONTRÔLE TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Enderço: — "REVISTA DO ENSINO", — SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO — BELO HORIZONTE — TEL. 2-5900

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assinatura anual Cr\$ 50,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AO PROFESSORADO
DOS ESTABELECIMENTOS ESTADUAIS

TIRAGEM desta edição — 10.000 exemplares

HOMENAGEM DE "REVISTA DO ENSINO"

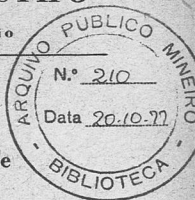


Dr. Tristão Ferreira da Cunha

Secretário da Educação

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação



Como se é um bom mestre

Lemos com muito interesse o opúsculo N.º 2 de 1945 da Repartição de Educação dos Estados Unidos, intitulado "More Firepower for Health Education". Arthur H. Steinhäus o seu autor, Chefe da Secção de Educação Física e Higiene da Repartição de Educação, discute o tema da educação para a saúde na "High School" ou Escola Secundária dos Estados Unidos. Entre as numerosas discussões sobre métodos e recursos de ensino mais adequados para estimular o interesse pela higiene e saúde, o sr. Steinhäus inclui o importante tópico da personalidade do mestre. A propósito, analisa os resultados de um *estudo de opiniões* de 972 estudantes norte-americanos de escolas secundárias, representativos dos dois ciclos, sobre o que constitui, em seu conceito, o *bom mestre* da Escola Secundária. O estudo foi feito pelo registro estatístico das respostas dos alunos, dadas em termos de qualidades. O estudo corrobora os resultados de uma investigação parecida, mais extensa e completa, realizada por Frank W. Hart, em 1934, segundo aparece em sua obra "Teachers and Teaching", publicada pela Casa Mac Millan de Nova York.

Transcrevemos a seguir a lista de qualidades do estudo analisado por Steinhäus, em ordem de importância deduzida de seu registro estatístico. Além de ser idôneo sob o ponto de vista profissional, o bom mestre:

É paciente e compreensivo.
 Tem o sentido do humor.
 Gosta de ajudar e cooperar.
 É amistoso e sociável.
 É razoável ao marcar as tarefas.
 Tem uma boa disposição.
 Mantém a disciplina.
 Não demonstra favoritismos.
 Explica tudo o que ensina.
 Tem habilidade para ensinar.
 Não grita nem perde seu auto-domínio.
 Tem uma personalidade atraente.
 É servil e ajuda a resolver os problemas pessoais dos alunos.
 É cortês e bondoso.
 Não se sente superior nem distante.
 É jovial.
 Torna interessante o trabalho.
 Não ridiculariza nem humilha o aluno.
 É indulgente ao dar as notas.
 Veste-se bem.
 Estimula a discussão.
 É um "bom camarada", franco e cavalheiresco.
 Sabe o que ensina.
 Castiga com benignidade.
 Estimula a iniciativa dos alunos

É um fato reconhecido que a personalidade do professor, da escola primária, secundária ou vocacional, influi poderosamente na qualidade do ensino que ministra. É lógico, portanto, que o mestre se interesse em conhecer as reações que causa em seus alunos, e a forma pela qual aqueles apreciam suas qualidades docentes. Sondagens de opinião como a que mencionamos, são dignas de consideração e emulação, podendo auxiliar o professor a examinar-se sob o ponto de vista dos alunos e obrigá-lo a conformar mais seus hábitos e idiosincrasias pessoais às necessidades de seu ministério. Na lista das qualidades enumeradas anteriormente, po-

derá nota-se que quase todas se referem mais a atitudes e disposições que a capacidades e habilidades propriamente ditas, e que tocam, de um modo ou de outro, as exigências fundamentais do indivíduo — tais como o respeito à responsabilidade, o sentido do reconhecimento e a tendência ao intercâmbio social.

Temos que convir em que os estudantes norte-americanos, ao darem sua opinião sobre as qualidades de um bom professor, responderam dentro do seu padrão social, tendo em vista valores e princípios que são parte de sua vida corrente. Possivelmente, os estudantes latino-americanos não responderiam em termos exatamente idênticos nem dariam a mesma importância a cada qualidade. Porém, a lista a que nos referimos parece, tomada em termos gerais, um índice apreciável e sugestivo das qualidades básicas do bom mestre. Valeria a pena podê-la comparar com estudos parecidos dentro do meio escolar latino-americano.

*

Aviso aos Professores e Assinantes

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista do Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

Faltas de crianças

JOSÉ LOPES PEREIRA

Do salutar banimento dos castigos físicos da escola, resulta que o mestre, conformado, torna-se mais amável, veste-se de bondade e procura, pelo carinho e não pela rispidez, resolver, em sua classe, os casos de indisciplina. É uma verdade que já se tem dito, e se os castigos físicos são postos de lado, igualmente de lado vai ficando qualquer outra espécie de castigo. Conhecer a falta cometida e aplicar o devido castigo, é, entretanto, duvidoso que alguém o faça com acerto. É que cada um enxerga por um prisma diferente e o homem sempre julga mal.

O menino levanta-se do assento e dirige-se à carteira de uma colega com quem conversa ligeiramente, mostrando-lhe alguma cousa escrita num papel, e volta ao seu trabalho. Neste fato, pode a regente da classe ter visto uma falta, talvez grave; um menino cometer o atrevimento de, estando em aula, dirigir-se a uma menina, falar-lhe em tom reservado e mostrar-lhe não se sabe o quê. Isto a regente verá, talvez estando mal humorada, mas se no momento sua disposição tender para o otimismo, pode ter visto não uma falta, mas um caso banal de aula ativa em que dois colegas se entendem para a solução de uma questão.

Quem escreve estas linhas dava, certa vez, uma aula do 4.º ano, e chamara ao quadro um aluno, belo menino de doze anos, sempre bem comportado. Propostas algumas questões, o pequeno encontrou várias dificuldades para resolvê-las, ocasionando apartes de seus colegas no sentido de

encaminharem as soluções, o que me pareceu desgostá-lo sobremodo. Terminada a lição, foi sentar-se, porém caminhando para a carteira com um andar estranho, gingando e arqueando uma perna em atitude cinica e provocadora. Fiquei surpreso e não pude deixar de repreendê-lo. Daí por diante, passei a observá-lo e não levei muito tempo a descobrir que o andar daquele pequeno tinha mesmo, às vezes, um certo desajeitamento, devido ao reumatismo que lhe engrossara o joelho direito. Só então compreendi seu espanto ao receber a reprimenda que eu lhe passara, de todo imerecida.

Ainda outro fato, que presenciei, quando ginásio: Era hora de recreio e os alunos achavam-se no pátio quando chega o prefeito, que, agitado e com ares de indignação, chama o estudante, a quem se dirige ásperamente, tachando-o de mau elemento no ginásio. Falava exasperadamente, atraindo a atenção de todos, que se acercavam, curiosos. Em dado momento, tira do bolso um papel e manda que todos leiam para avaliarem a enormidade da falta cometida. Tratava-se de uns escritos obscenos encontrados sobre a carteira daquele estudante, a quem o prefeito atribuía o delito, cuja autoria, porém, o acusado repelia peremptoriamente. A defesa foi prontamente anulada pela incisiva declaração do acusador:

— Diga isso a outro, não a mim, que conheço sua letra. Mas no dia seguinte, o estudante foi chamado para falar particularmente com o prefeito, que lhe disse:

— O verdadeiro autor daquele escrito é outro estudante, que me procurou para confessar a falta. Peço desculpa a você pelo meu engano.

— Mas o senhor me acusou publicamente e me pede desculpa em particular.

— Não o farei de outro modo.

De tal fato resultou conseqüência desagradável, cujo relato escapa, entretanto, ao assunto deste artigo.

O certo é que freqüentemente se engana quanto às faltas que parecem evidentes, faltas não só de crianças, mas também de adultos. E considere-se que muitas vezes a falta

é involuntária ou, tratando-se de criança, simples travessura ou insopitável arrebatamento, próprio da idade. E se assim é, o melhor, na escola, é mesmo abolirem-se os castigos, físicos ou morais. Quem está habituado a castigar seus alunos, traz a classe em balbúrdia e não pode criar o ambiente sereno, aprazível e de confiança tão necessário ao bom êxito dos trabalhos escolares e condizente com os elevados objetivos da educação. Pela brandura e pelo carinho, lançando mão de um elogio oportuno ou, com inteligência, confiando, talvez, certa missão de responsabilidade a determinado aluno tido como indisciplinado, o educador atilado e enérgico vai resolvendo os casos de indisciplina de sua classe, os quais nem se verificarão, desde que os alunos estejam sempre trabalhando, pois é bem certo o ditado: "Menino ocupado, menino comportado." E assim, mestre e alunos se estimam e se entenderão melhor.

JOSÉ LOPES PEREIRA

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da
"Revista do Ensino" são vendidas a
Cr\$ 50,00 cada uma. Pedidos à Direção.

Relatório de excursão a Belo Horizonte

MARIA HELENA MONTEIRO
(Assistente da Secção de Pedagogia)

Graças à cooperação do Sr. Interventor de São Paulo e à hospitalidade do governo de Minas Gerais, tornou-se realidade um desejo que desde há muito era alimentado pelas alunas do quarto ano de Pedagogia — visitar Belo Horizonte a fim de conhecer suas iniciativas no campo educacional, já tão admiradas em todo o Brasil.

Partindo de Congonhas a 26 de agosto p.p., num Douglas da Vasp, às sete horas, aterrissamos em Lagoa Santa às nove e dirigimo-nos imediatamente a Belo Horizonte onde fomos recebidas pelo Dr. Valdemar Tavares Pais, do gabinete do Secretário da Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais, a quem devemos grande parte do sucesso de nossa viagem, pois foi devido à sua incansável assistência e aos programas de visitas por ele elaborados que conseguimos, no curto espaço de três dias, entrar em contacto com algumas das obras mais representativas da educação mineira.

No dia da chegada visitamos os Institutos Pestalozzi e São Rafael dos quais passamos a apresentar a organização e finalidades:

Instituto Pestalozzi

Faz parte da Sociedade Pestalozzi e, segundo declarações de D. Helena Antipoff, (presidente dessa entidade e a quem certamente o Estado de Minas deve muitas das iniciativas educacionais que o distinguem) "nascida sob o impul-

so espontâneo de um grupo de pessoas que de 1932 a 1934 levaram a obra pelo seu próprio esforço, marcou um notável passo à frente com o auxílio do governo que em outubro de 1934 inaugurava o pavilhão "Noraldino Dias", dotando-o de um prédio modesto mas apropriado e em 5 de abril de 1935 o governo fez mais: com um Decreto criava o Instituto Pestalozzi. Reconhecida sua utilidade pública, apoiada materialmente pelo governo, a Sociedade começa a desempenhar na vida cultural e social do país um papel *sui-generis*: assistência, tratamento e estudo da infância excepcional; isto é, das crianças que, pela sua própria natureza ou pelas condições do meio em que foram criadas, acham-se, comparadas às demais crianças, sem o ajustamento necessário para crescerem sadias, física e moralmente, na família, escola e sociedade". (1)

A Sociedade Pestalozzi para realizar as finalidades a que se propunha organizou uma clínica médico-pedagógica e o Instituto Pestalozzi, as quais tivemos a oportunidade de visitar acompanhadas pela professora Cora Duarte, achando-se ausente a diretora D. Ester Assunção.

A clínica médico-pedagógica, composta de médicos e educadores, não só recebe como procura crianças excepcionais, dirigindo-se a lugares onde há probabilidade de encontrá-las, a fim de traçar um plano para o tratamento e ajustamento das mesmas. Em linhas gerais, em que consiste a base desse tratamento? Consiste na compreensão da personalidade total do caso e das causas que ocasionaram seu estado presente. Para que se chegue a uma tal compreensão, a clínica lança mão de várias técnicas, dentre as quais tivemos a oportunidade de analisar a Ficha de Anamnese "a ser preenchida para cada indivíduo que se apresenta para tratamento e, na qual, além de uma série de dados gerais acerca do caso em questão, encontramos um questionário muito minucioso referente aos antecedentes pessoais e familiares, estado atual do paciente e condições de existência. Tal ficha

(1) Apud — "A Infância Excepcional", vol. III, Edições Sociedade Pestalozzi 1937, pg. 8.

de anamnese é preenchida segundo o testemunho dos parentes do paciente, que se apresentam à clínica, a fim de prestar declarações. Tivemos ainda em mãos a Ficha de Observação referente ao desenvolvimento mental da criança, de autoria da Prof. Helena Antipoff (2), que se destina ao uso dos pais e analisa 5 espécies de manifestação mais frequentes e mais facilmente observadas em crianças de 0 a 7 anos pertencentes a qualquer meio econômico social, a saber: movimento e hábitos gerais, sentidos e percepção, memória e conhecimento, linguagem e inteligência verbal, comportamento social. Nessa ficha podem ser ainda inseridos os fatos mais importantes referentes à vida do bebê. Tais observações feitas desde o início da vida da criança tendo como termo de comparação as normas de desenvolvimento de Buhler Binet, Piaget e Gesell, permitirão aos pais uma avaliação mais exata das potencialidades de seus filhos, aos educadores uma apreciação mais real das possibilidades de seus alunos e ainda, segundo afirmação da própria autora: "outro objetivo desta ficha é o estudo da criança brasileira" (3), pois só tendo em mãos um grande número de observações acerca do desenvolvimento das crianças de nosso país é que poderemos estabelecer critérios autenticamente brasileiros com os quais

Passamos em seguida à visita das dependências do Instituto Pestalozzi que se destina a ajustar crianças excepcionais. O Instituto tem atualmente aos seus cuidados 206 crianças internas e externas. As primeiras estão distribuídas em 4 internatos — 3 para meninos e um para meninas, achando-se cada um deles sob a orientação de uma professora que procura tornar o ambiente o mais próximo possível ao de um lar e atribui às crianças pequenas tarefas domésticas, de acordo com as possibilidades físicas e intelectuais das mesmas. A criança ao ser matriculada na escola, trazida pelos pais ou encaminhada pelos grupos, passa pela clínica e é submetida a todos os exames necessários, cujos resultados

(2) Apud — Helena Antipoff — Desenvolvimento Mental da Criança — Publicações da Sociedade Pestalozzi — Belo Horizonte, 1939.

(3) Idem — Introdução.

irão determinar em que grupo de alunos deverá ser incluída. A inclusão da criança num grupo é feita à base de sua inteligência, com excepção das surdas-mudas que pertencem a um grupo separado e recebem os cuidados necessários ao seu mal. Os Q. I. s. das crianças matriculadas nessa instituição variam em geral de 35 a 90, mas não admitidas também crianças que, não apresentando atraso intelectual, se caracterizam pelo atraso escolar ou por dificuldades de ajustamento social. Estas são agrupadas de acordo com seu nível escolar, determinado por testes pedagógicos e seguem o programa oficial dirigidas, como as demais, por professoras especializadas, formadas pelo Instituto de Aperfeiçoamento.

Eis aqui delineado pela própria Prof. Helena Antipoff as bases do programa para as crianças subnormais que se acham sob os cuidados do Instituto Pestalozzi: "Nos alunos que pela insuficiência profunda da inteligência são ineducáveis, somos limitados a formar apenas automatismos úteis à existência pessoal. Formar hábitos de asseio e ensinar elementos de trabalho essencialmente estereotipado representa uma economia considerável para os futuros gastos do asilo, da família e da sociedade. As crianças, cujo nível mental oscila entre 4 e 7 anos, são capazes de ocupações mais variadas. Podem executar trabalhos parciais, sempre os mesmos, sem se cansarem. Os débeis mentais com limite superior de 12 anos de IM podem tomar parte ativa nos trabalhos que não exigem este critério diferenciador do normal; a iniciativa e a compreensão de todas as contingências". (4)

Os trabalhos manuais e a iniciação a certos ofícios como por exemplo: a tecelagem, a modelagem, a serralha, a encadernação, a sapataria, e a horticultura ocupam por isso lugar de destaque no programa da escola. A atribuição de tais trabalhos a cada um dos alunos não é feita ao acaso sem considerações preliminares, mas "cada género de trabalho — doméstico ou manual, é graduado em dificuldades desde os seus elementos mais simples aos mais complexos — por

exemplo: no trabalho de horta podem ser discriminados vários aspectos e graus de dificuldade, assim tirar as pedras do canteiro ou adubar é uma tarefa mais fácil que capinar, capinar por sua vez é mais fácil que alinhar os canteiros, sementear com regularidade ou plantar mudas." (5).

Obedecendo a tal graduação de dificuldade das atividades e ainda por outro lado "aproveitando as aptidões especiais" (6) de cada um dos alunos, as professoras conseguiram o máximo de desenvolvimento e de produção dentro do mínimo de capacidade; para prová-lo bastará analisar os trabalhos executados pelas crianças do Instituto Pestalozzi.

Depois de visitarmos as oficinas de tipografia e de encadernação, a horta e algumas classes, passamos à biblioteca composta não de livros destinados às crianças como também de uma secção para professores, encorajando-os assim a entrar em contacto com o pensamento e as realizações de educadores patricios e estrangeiros. Recebemos ainda um número do "Instituto Pestalozzi", jornalzinho mensal que publica trabalhos dos próprios alunos e que certamente é uma iniciativa interessante numa instituição dessa natureza não só por ser um incentivo para o estudo, pois promove concursos, etc., como ainda dá oportunidade aos alunos de entrarem em contacto com as técnicas tipográficas, que lhes poderão ser úteis mais tarde.

Antes de terminar nossa apreciação sobre o Instituto Pestalozzi, deveremos acrescentar que nenhum ponto, que concorra para a formação total da criança, foi omitido pelas professoras dessa instituição — sendo que aos princípios da Religião Católica é dado o lugar que lhes compete como meios de educar em toda a extensão da palavra. No jornalzinho que temos em mãos podemos ler a notícia da Páscoa dos alunos do Instituto e ainda uma nota sobre a visita dos mesmos a um asilo de velhos, em que se percebe a aplicação ativa dos princípios da Caridade.

(4) Apud "A Infância Excepcional" vol. III Edição Sociedade Pestalozzi 1937 pg. 13.

(5) idem pg. 12.

(6) idem pg. 13.

Ao sairmos do Instituto Pestalozzi estávamos certos de que a finalidade a êle atribuída pela Professora Helena Antipoff: "adaptar as crianças o melhor possível às necessidades da vida social e econômica, desenvolvendo nelas o máximo de aptidões disponíveis a fim de prepará-las para uma vida menos parasitária e mais digna" (7) está sendo plenamente realizada graças ao espírito de persistência e compreensão do problema da criança anormal, que caracterizam a diretora e professoras dessa organização.

O Instituto São Rafael

Abrija desde 1926 os cegos de tôdas as partes do Brasil. Dirigido desde a fundação pelo Dr. José Donato da Fonseca, essa escola tem sob seus cuidados cerca de 90 cegos de ambos os sexos, internos e externos e oferece-lhe o curso primário e secundário. Esse último apesar de não ser oficializado constitui uma das razões da afluência de cegos de todo o País que vêm ao São Rafael atraídos, não só pela fama de que êste desfruta, graças à dedicação de seu Diretor, como também pela possibilidade de continuarem sua formação intelectual, além da escola primária. Ai recebem também aulas de música e dactilografia, sendo esta última apreciada por ser um meio pelo qual os cegos mantêm contacto com seus parentes e amigos videntes. Para auxiliar a manutenção do Instituto está em pleno funcionamento uma fábrica de vassouras e espanadores. Visitando as diversas dependências do Instituto São Rafael que, apesar de modestas, atraem pela ordem, assio e pelo aspecto de lar que o Dr. Donato conseguiu dar ao amplo casarão, passamos pela enfermaria, diversas classes, pela Biblioteca, cujos livros em Braille são obra dos próprios cegos do Instituto. Ao fim de nossa visita o "chorinho" deliciou-nos com algumas canções populares e ainda ouvimos outros números apresentados pelo professor de canto coral da instituição e por um aluno que cursa o 3.º ano de piano do Conservatório.

(7) Idem, pág. 12.

Durante nossa visita soubemos ainda que vários cegos das outras partes do Brasil se apresentam ao Instituto São Rafael para estagiarem e depois transmitirem às respectivas instituições o que de útil aprenderam nessa organização, que se distingue pelo espírito que nela reina, graças ao seu Diretor, fazendo com que os alunos se esqueçam de seu infortúnio para apenas lutarem pela sua formação moral, progresso intelectual e pelo melhoramento das condições de todos os cegos.

Para que ficássemos conhecendo bem de perto a orientação de um grupo escolar de Belo Horizonte, fomos na manhã do dia 27 ao grupo Escolar Barão do Rio Branco dirigido por D. Ondina Amaral Brandão. Chegamos a êsse estabelecimento de ensino, justamente na ocasião em que se realizava uma festa cívica em homenagem ao Duque de Caxias. Tivemos, portanto, a oportunidade de encontrar todos os alunos do 3.º e 4.º anos, que freqüentam o período da manhã, reunidos num extenso pátio para ouvir os alunos e alunas que fizeram alusão ao Soldado Brasileiro, proferindo pequenas palestras e declamando poesias alusivas à data. Segundo declarações de D. Ondina, a festa que presenciávamos fora precedida por um período preparatório, durante o qual todos os alunos fizeram um estudo intensivo sobre os vultos históricos relacionados com Caxias. Percebia-se que a festa não tinha por finalidade apenas festejar o Soldado Brasileiro, mas também ensinar, pois as palestras foram acompanhadas de material visual, que ilustrava o ponto focalizado pela criança. Antes de terminar a sessão usou da palavra o Prof. Valdemar Tavares Pais que, dirigindo-se aos alunos ali presentes, proferiu brilhante oração.

Terminada a festa passamos a visitar as amplas dependências do Grupo: gabinete dentário, consultório médico, classes, biblioteca e cantina. Os dois primeiros oferecem consultas diariamente. O serviço de cantinas no estado vizinho está muito desenvolvido, havendo cerca de 34 anexas aos Grupos Escolares da Capital. A primeira cantina foi instalada em 1927, mas só de 1933 para cá é que se têm

mantido estatísticas a respeito — essas deveriam-nos que, no ano de 1945, foram distribuídas cerca de 1.670, 424 sopas escolares. Para as crianças de escolas públicas que, em sua maioria, provêm de meio econômico-social inferior, é fácil de se avaliar a importância de tal prática para o desenvolvimento geral das mesmas, sendo que, às vezes, essa refeição tomada no grupo é a única nutritiva do dia todo. As crianças com possibilidades financeiras pagam pela sopa a irrisória quantia de Cr\$3,00 mensais, sendo que as demais recebem inteiramente gratuita. A Biblioteca do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", mantida exclusivamente por donativos, conta com uma seção para crianças e outra para professoras, contendo esta última um bom número de obras básicas e recentes sobre psicologia, pedagogia, etc. As crianças devem frequentar a Biblioteca obrigatoriamente, duas vezes por semana. Além dessa Biblioteca geral, cada classe tem a sua, composta de livros de história que o programa do estado exige que as crianças leiam nos diversos graus de adiantamento. Pela visita a essa Biblioteca e pela leitura de uma interessante série de artigos da prof. Nair Starling "Biblioteca Infantil, Alma da Escola Primária" (8), pudemos verificar que em Belo Horizonte se compreende muito bem a importância da Biblioteca como meio de ensinar "ativamente" quando estamos conscientes de todos os valores que ela nos oferece. Nesse trabalho que acabamos de citar, a autora oferece sugestões muito preciosas sobre a organização de Bibliotecas Infantis e sugere-nos uma série de atividades que, levadas a efeito na Biblioteca, muito contribuirão para a formação intelectual da criança, como ainda para o aprendizado de atitudes e hábitos desejáveis. Por esses meios sugeridos pela Prof. Nair Starling, a Biblioteca passará a fazer parte integrante (e das mais agradáveis) da vida da criança que estuda.

(8) Apud — Revista do Ensino — da Secretaria da Educação e Saúde Pública — Belo Horizonte, ano XIX, n.º 178, Abril de 1946, pág. 207.



Festa da Primavera. — Grupo Escolar "Lucio dos Santos," da Capital



O grupo escolar "Barão do Rio Branco", como os demais da capital mineira, dispõe de orientadoras educacionais, formadas pelo Instituto de Aperfeiçoamento e que dirigem o andamento do currículo de cada um dos anos escolares, a intervenção destas especialistas certamente consiste num dos fatores da eficiência do ensino primário em Belo Horizonte.

Jardim da Infância "Bueno Brandão"

Instalado num curioso edifício de madeira importado da Europa, tem matriculadas 438 crianças de 3;6 a 5;7 anos divididas em dois turnos. O turno da manhã compõe-se de crianças pertencentes a meio econômico-social inferior, com as quais entramos em contacto, durante nossa visita. Pudemos observar as crianças nas mais diversas atividades: numa sala cêrca de 15 crianças faziam construções com cubos, noutra um grupo estava no período de atividades livres e dirigidas por uma professora brincavam do que bem lhes aprouvesse. Segundo declarações dessa professora, o período de atividades livres das crianças da tarde é muito mais interessante de ser observado, porque os alunos provindo de meio econômico social superior têm experiências mais ricas e variadas, projetando-as no brinquedo ao passo que às crianças pobres falta imaginação para brincar pela exigüidade do ambiente que as rodeia. Passamos por um salão onde cêrca de 30 crianças, sentadas em volta do piano, cantavam músicas infantis — intercalando-as com exercícios respiratórios. No jardim equipado de balanços, escorregadores etc. algumas crianças ocupavam-se da modelagem em argila. Entrando na biblioteca pudemos encontrar muitos livros próprios para a idade pré-escolar pelo fácil manuseio, pela freqüência e tamanho de gravuras e pela quase ausência de texto escrito. Este Jardim da Infância, como o grupo que visitamos, oferece uma merenda aos alunos, cujo cardápio variado irá suprir as deficiências de alimentação das crianças que o freqüentam.

Apesar de, pela premência do tempo, termos apenas podido ter uma visão de conjunto do Jardim da Infância "Bueno Brandão", pareceu-nos que preenche todos os requisitos hoje indicados para a educação pré-escolar.

Instituto de Educação

O atual Instituto de Educação, instalado solenemente a 27 de março de 1946 compõe-se da fusão de duas tradicionais escolas de Belo Horizonte para a formação de professores: a Escola Normal e o Instituto de Aperfeiçoamento, e oferece os cursos de Jardim da Infância, Primário, Ginásial, Normal e de Administração.

As classes do curso primário, sendo para fins de experimentação por parte das futuras professoras que cursam o Normal, compõe-se no máximo de 25 alunos e acham-se muito bem instaladas.

O curso de Administração que corresponde ao antigo Instituto de Aperfeiçoamento tem a duração de dois anos e destina-se à formação de diretores, orientadores educacionais e professores especializados. São a ele admitidas unicamente professoras com 3 anos de magistério. O programa desse curso consta das seguintes matérias: filosofia da educação, didática (metodologia de todas as matérias lecionadas no curso primário), psicologia educacional, organização escolar, estatística educacional, trabalhos manuais, desenho e educação física.

Anexo ao curso de Administração está o Laboratório de Psicologia, que se ocupa de pesquisas de natureza psicológica, orienta os trabalhos das alunas do curso e colabora na solução dos problemas educacionais da capital mineira. Dentre os inúmeros trabalhos já realizados por esse laboratório, contam-se: A Organização de Classes Homogêneas nos Grupos Escolares de Belo Horizonte de 1932 para cá, a elaboração, adaptação e aplicação de vários testes como por exemplo o Stanford coletivo, o Barcelona, o Terman Merrill (1937) e muitos outros, o Estudo sobre os Traços de Personalidade das

Alunas do Instituto de Educação por meio das auto e hetero-avaliações, o Estudo sobre os valores funcionais e características, revelados na conduta das crianças durante o Jogo, uma infinidade de monografias de autoria das alunas, e ainda muitos outros que pela exigüidade do tempo não nos foi possível conhecer.

Dessa visita ao Instituto de Educação, não poderíamos deixar de acrescentar algumas impressões a respeito das notáveis realizações de dois de seus professores. O curso de trabalhos manuais da Escola Normal e do curso de administração está a cargo de uma verdadeira artista, que consegue tirar dos materiais mais ingratos e aparentemente sem possibilidades de aproveitamento os mais surpreendentes efeitos, ensinando às futuras professoras a usar de modo eficiente e original tudo que lhes venha cair às mãos, habilitando-as assim a transmitir aos seus alunos a capacidade de embelezar o ambiente em que vivem, tirando o máximo partido das coisas mais simples. Ouvindo nossas impressões a respeito desse curso, a Sra. Diretora do Instituto, que nos acompanhava, declarou que essas moças estarão aptas para cooperar na resolução de um problema essencialmente sul-americano, segundo afirmações de um professor da Universidade de Columbia: "os problemas dos sul-americanos estarão resolvidos quando seu povo aprender a viver".

Visitamos ainda o Museu "Leopoldo Cathoud", assim chamado em homenagem a um professor que, morrendo durante uma aula, será sempre lembrado por suas alunas pelo que de valioso lhes ensinou. Nesse museu há uma grande variedade de aparelhos, construídos por ele e que têm por finalidade ilustrar os princípios de física, a serem ensinados aos alunos da escola primária. Tais aparelhos, porém, não são elaborados de acordo com os modelos clássicos, mas são formados pelo aproveitamento de objetos usados, tais como lâmpadas elétricas, fôrmas de bolo, garrafas, etc.

No dia 28 pela manhã partimos para Sabará, que apesar de fugir às finalidades de nossa viagem, constituiu uma das mais interessantes e deslumbrantes experiências desta excur-

são. Depois de duas horas de viagem, num ônibus gentilmente oferecido pela Secretaria da Educação, começamos a passear pelas ruas estreitas e irregulares da cidade, que, conservam ainda o seu calçamento original. Apreciamos, então, cenas das mais pitorescas e vistas inesquecíveis. Aqui uma tropa que transporta madeira, ou vasilhas de leite, ali um chalariz construído em 1750, mais adiante o sobrado de Borba Gato, ladeando a cidade o Rio das Velhas, refletindo as graciosas palmeiras que lhe enfeitam as margens... e como se tudo isso não bastasse para que essa viagem ficasse para sempre em nossa memória, as Igrejas de Nossa Senhora da Conceição e do Carmo ali estavam para aumentar nosso encantamento... A primeira, com seu exterior modesto e sem pretensões, provoca no visitante a mais inesperada e deliciosa surpresa, quando depois de atravessar uma das portas simplesmente pintadas de azul, depara com o espetáculo grandioso de um interior todo de madeira trabalhada à mão e revestida de ouro, e o aspecto um tanto exótico oferecido pelas portas laterais ao altar importadas de Macau. Esta é certamente uma das expressões mais inequívocas da tradicional modestia mineira — só conhecendo-a de perto é que se pode chegar a conhecer a verdadeira riqueza de sua vida interior...

A Igreja do Carmo contendo obras do Aleijadinho e o Museu do Ouro fundado em 1945 foram os dois outros contactos que tivemos com o Brasil Colonial, cheio de interesse para aqueles que como nós raramente têm oportunidade de entrar em contacto com ele.

De volta de Sabará dirigimo-nos ao Palácio do Governo e à Secretaria da Educação a fim de apresentar a S. Excia. o Interventor do Estado — Sr. Júlio de Carvalho e Sr. Secretário da Educação os nossos agradecimentos por terem-nos acolhido com tão generosa hospitalidade e proporcionado dias tão agradáveis e úteis experiências.

Apesar de estarmos avisados de que qualquer tentativa de análise de um povo, depois de curto contacto com ele, é arriscada e susceptível dos erros próprios às generalizações

apressadas, aventurarmos aqui algumas conclusões gerais acerca de nossa visita à Capital do Estado vizinho.

Se de fato as realizações de um povo revelam suas tendências psicológicas e traços característicos de sua cultura, os mineiros certamente não fogem a essa regra. Realmente, em nossa visita às várias instituições mineiras, sentimos estarem presentes certos característicos comuns a todas elas e que segundo Alceu Amoroso Lima (9) formam o perfil psicológico do mineiro: a sobriedade, a modéstia, o gosto pela ordem e pela estabilidade, o equilíbrio, a continuidade e o primado da qualidade. Pudemos sentir que os educadores mineiros não sofrem de entusiasmos passageiros em relação às modernas teorias educacionais, mas antes realizam em surdina e sem preocupação de impressionar quer por palavras ou por aparência, obras que primam pelo esforço contínuo, qualidade e equilíbrio.

Referindo-se mais especificamente à Educação Mineira, esse mesmo autor faz algumas considerações interessantes, que nos parece oportuno acrescentar aqui. Analisando os métodos pedagógicos mineiros declara: "A educação de Minas é hemeopática e não alopatia. Considera-se aqui que educar não é ministrar drogas, violentar para combater as tendências más e sim ajudar a natureza com agulhas mansas e boas de tomar..." (10) Em seguida acrescenta dois traços, cuja presença podemos notar também nas escolas que visitamos: o espírito de camaradagem que reina entre professores e alunos e a preocupação por parte dos professores com cada indivíduo em particular (11). Reconhecidos esses dois elementos na educação mineira, surge a questão: serão esses traços resultado da divulgação dos princípios da pedagogia moderna? Parece-nos que não, pois como prova A. A. Lima, vamos encontrá-los integrados na educação mineira há mais de um século como podemos veri-

(9) Apud — A. A. Lima — A Voz de Minas — Editora AGIR — 1945.

(10) idem — pg. 122

(11) idem — pg. 123

ficar pela leitura do Regulamento do Colégio de Caraças, fundado em 1822 que, apesar de datar de tão remota época, é "entretanto de uma atualidade inferível". (12) Tal regulamento, quando se refere ao conhecimento de cada aluno em particular, assim expõe o ponto de vista da época: "convém muito conhecer o gênio e caráter de cada aluno, para com prudência tratar bem a todos; pois o que agrada ao melancólico e perturbado, muitas vezes não agrada ao de gênio alegre e vice-versa." (13) Haverá idéias mais conformes com as modernas aspirações da Escola Nova? Verificamos que, como muito bem acentua A.A. Lima: "dá-se até um encontro muito curioso entre a chamada Escola Nova e a tradição educativa mineira. Aquela é baseada na valorização do aluno e na atmosfera de liberdade. Pois bem, uma e outra coisa já se encontravam imemorialmente, como acabamos de ver na educação mineira". (14) "Enfim o essencial é encontrarmos na educação mineira muita coisa que os educadores mais modernos julgam indispensável como o melhor método para ensinar". (15).

A esse interessante caráter de atualidade dos princípios tradicionais da educação mineira devemos acrescentar outro que A.A. Lima assim define: "A educação visa mais à formação do caráter que da inteligência e menos a ciência que a consciência" (16), pois segundo afirma o próprio Regulamento do Colégio Caraças: "Mais vale um homem de conhecimentos medianos, sendo virtuoso do que grande sábio sem virtudes" (17). Como não confiar numa educação que se propõe a tão elevados propósitos?

Teremos assim esgotado todos os traços característicos das instituições educacionais mineiras? Não. Resta-nos falar do profundo espírito religioso que domina todos os mineiros e

(12) *idem* — pg. 124

(13) *idem* — pg. 125

(14) *idem* — pg. 128

(15) *idem* — pg. 129

(16) *idem* — pg. 129

(17) *idem* — pg. 125

—anima tôdas as suas realizações, e novamente recorrendo à opinião de A.A. Lima dizemos com êle: "Minas continua a ser hoje o que Elisée Réclus dizia do Caraça: um baluarte do Catolicismo no Brasil, porque Jesus Cristo Histórico, Eucarístico e Místico continua a ser a primeira e a última palavra na vida mineira autêntica". (18).

MARIA HELENA MONTEIRO

(18) *idem* — pg. 216

Teatrinho de sombras

MARIA JOSÉ FERBER E ALCINA LANA

Todos os professores experimentados conhecem o poder das histórias para despertar e manter o interesse da criança pelos trabalhos escolares.

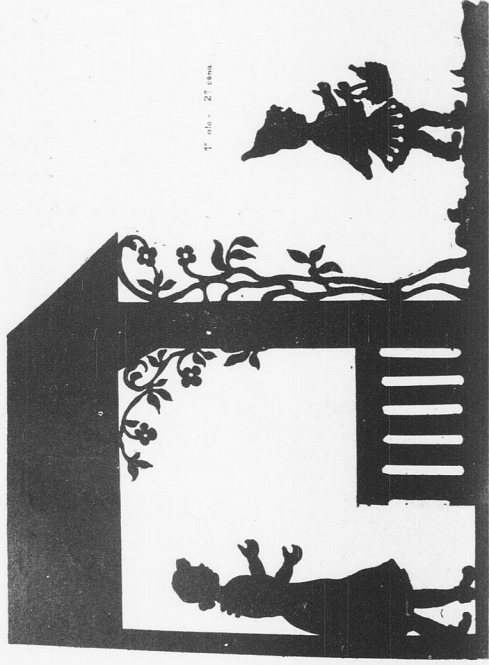
O nosso "Programa em Experiência" inclui esta atividade de três modos diferentes: histórias contadas e lidas pela professora; histórias contadas e lidas pelas crianças; histórias dramatizadas.

As histórias dramatizadas interessam muitíssimo, porque satisfazem as tendências de movimentação e imitação inatas na criança.

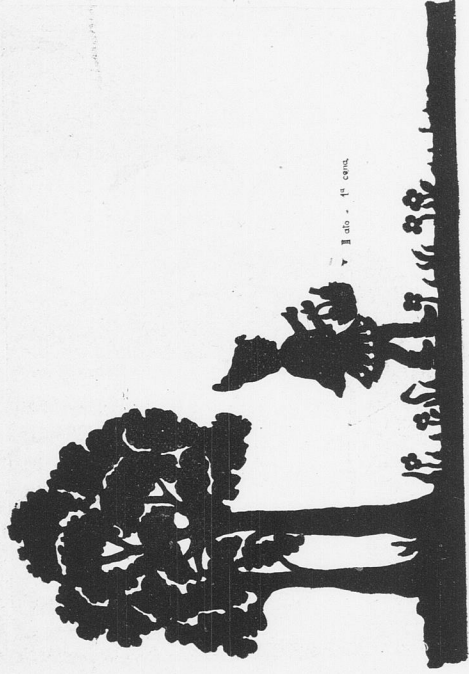
Além dos inúmeros valores educativos para a linguagem, a dramatização desenvolve a lógica, a espontaneidade e a simplicidade da linguagem, enriquece o vocabulário, dando ensejo para o treino das formas verbais nos vários tratamentos.

Uma das mais recentes modalidades da dramatização entre nós é o "Teatrinho de Sombras". Encerra muitos dos valores da dramatização, podendo ser representado pela professora ou pelas crianças. Grandes são, também, seus valores em relação às demais matérias, pois cria situações reais para diversas atividades, como desenho e recorte de animais e plantas, composições, problemas numéricos, aplicação de figuras geométricas e outras. Colabora na formação de hábitos e atitudes sociais — cooperação no trabalho em grupo, dedicação no trabalho em colaboração, perseverança numa atividade mais prolongada, habilidade em fazer e receber a crítica claramente, etc., etc..





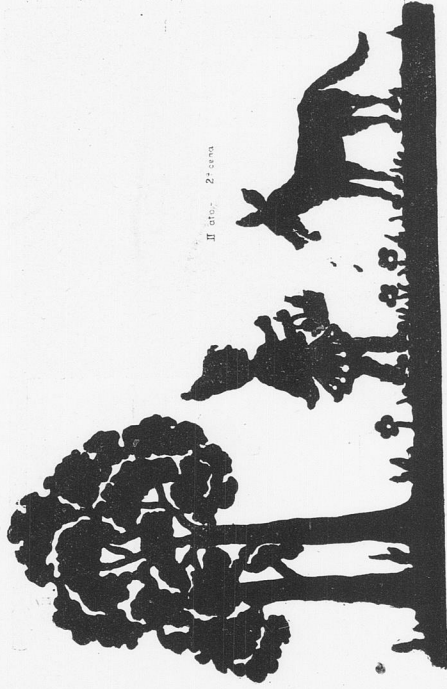
1^o do. - 2^o casa



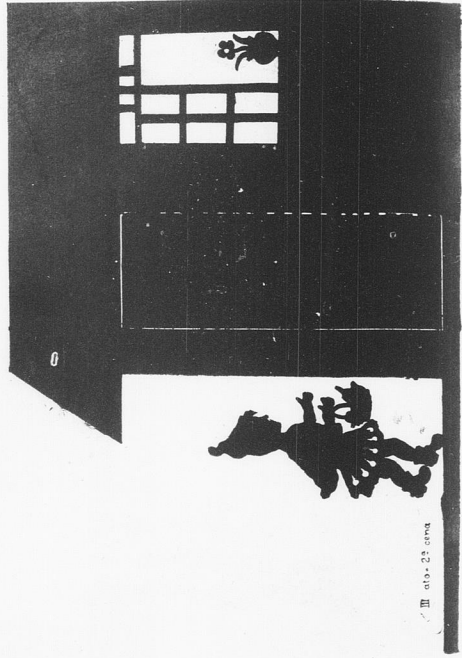
1^o do. - 1^o casa



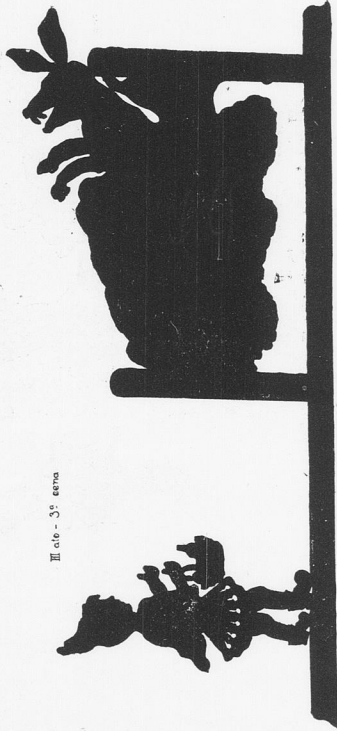
III dib. 1ª scena



II dib. 2ª scena



III 419 - 2^a scena



III 416 - 3^a scena

III ato - 4ª cena

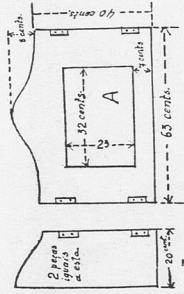
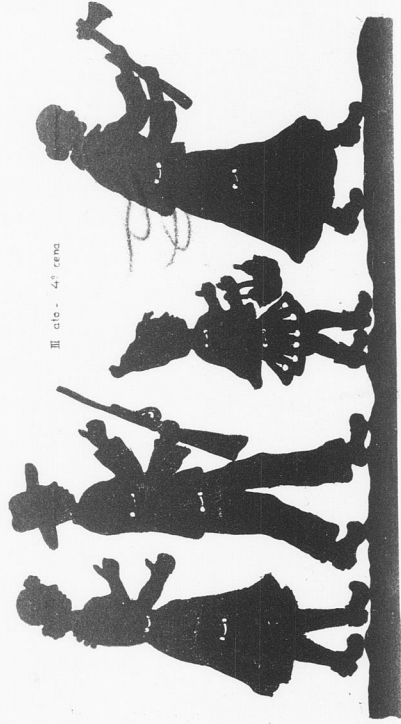


Fig. I

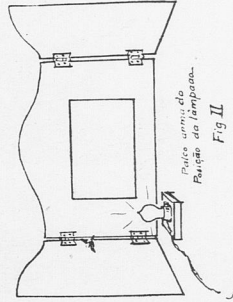
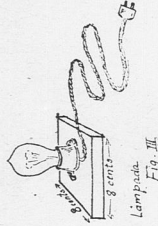
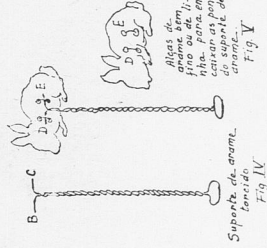


Fig. II



Lâmpada.
Fig. III.



Suporte de acrílico lencido.
Fig. IV

Fig. V

É uma atividade de valor indiscutível, que poderá ser usada como vantagem no curso primário, e realizada em qualquer escola, por modesta que seja, dada a simplicidade do material que pode ser confeccionado com pedaços de tábuas, ou de papelão duro, caixas comuns de papelão, pedaços de arame, um pouco de tinta preta.

Vê-se, portanto, que o teatrinho de sombras é uma atividade muito simples. Bem dirigida, muito concorrerá para o desenvolvimento linguístico das crianças, apresentando excelentes situações para se expressarem com clareza, seqüência lógica e bom vocabulário.

O ambiente natural, ordinário das classes é o mais próprio para a realização do teatrinho de sombras. Nada de meios rígidos, obrigando a criança a decoração e ensaios fatigantes, o que não será trabalho criador, nem construtivo.

A dramatização deverá ser a mais espontânea possível. As crianças se expressarão com toda a simplicidade, como se estivessem conversando. A professora, todavia, cuidará, que a linguagem seja correta e fluente.

Claro é que para um auditório, uma festinha da escola, exige-se maior treino, a fim de que seja melhor a representação, porquanto naqueles tempos que considerar a assistência que aprecia o programa, exigindo, por isso, um desempenho agradável dos números nele incluídos. Ainda aí, a espontaneidade de expressão deve ser conservada.

Além do material necessário à apresentação do teatrinho, como o palco, as silhuetas e a lâmpada, cuja confecção vai bem explicada na parte "Material ilustrativo", precisa a professora preparar, também, o material técnico, isto é: a história, adaptando-a para a representação em cenas, como manejo das silhuetas.

Escolha e adaptação de histórias

Devem ser escolhidas para a dramatização no teatrinho de sombras histórias interessantes, movimentadas e de fácil representação. Por ex.: Os três porquinhos, Chapelinho Vermelho, D. Baratinha e outras desse tipo.

A adaptação deverá ser feita pela professora atendendo ao seguinte:

a) divisão da história em partes (atos e cenas), aproveitando os que melhor se prestarem à representação em silhueta. Serão suprimidos, modificados ou substituídos trechos e cenas que não suscitarem bons sentimentos ou que provocarem emoções muito fortes, procurando-se, ainda, dar à história um desfecho agradável;

b) a linguagem da história deverá ser a mais dialogada possível, a fim de tornar a representação interessante e viva. Evitar-se-ão descrições e exposições longas, que cansam o auditório e causam desinteresse.

Adaptada a história, a professora fará a leitura, interpretando as cenas com toda a expressão vocal e fisionômica para despertar emoção e produzir impressão no espírito infantil. Lida mais de uma vez a história seguem-se os outros passos:

- 1) reprodução oral da história inteira e por cenas;
- 2) ensaio das cenas por algumas crianças, imitando o mais possível a voz dos personagens que representam, com apreciação da professora e dos colegas;
- 3) gramatização pelos alunos que tiverem boa expressão e demonstrarem maior aptidão para o manejo das silhuetas;
- 3) finalmente, a representação da história inteira para a classe.

Como sugestão para o Teatrinho de Sombras, apresentada, adaptada, a história, de Chapelinho Vermelho, o desenho das cenas e a descrição do material necessário.

2.ª parte — Chapelinho Vermelho.

História adaptada para ser dramatizada no "Teatrinho de Sombras".

Cenários — Casa de Chapelinho Vermelho.
Floresta.
Casa da Avózinha.

Personagens:

Chapelinho Vermelho.
Mãe de Chapelinho Vermelho
Avózinha.
Caçador.
O lobo.

Apresentação dos personagens

Chapelinho Vermelho — Vocês se lembram de mim ?
Eu sou Chapelinho Vermelho. Vocês já conhecem a minha história, não é ?

Imaginem só o medo que eu tive do lobo! Ele era grande e feio !

Mãe de Chapelinho — Eu sou a mãe de Chapelinho Vermelho. Ih... vocês nem podem calcular a aflição que passei, vendo que Chapelinho demorava tanto no caminho !

Lobo — Eu sou o lobo da floresta. Se não fosse o caçador, eu comeria Chapelinho Vermelho inteiro.

Caçador — Eu sou o caçador que matou o lobo mau. Dei-lhe um tiro certo na cabeça. O bicho rolou no chão, fazendo, u-u-u... u-u-u... u-u-u...

Avózinha — Você me conhecem? Eu sou a avó de Chapelinho Vermelho. Eu gosto tanto de minha netinha. Ela é tão boazinha !

1.ª A T O

Chapelinho Vermelho — (Entra e diz): — Todos me chamam Chapelinho Vermelho. Sabem por quê? A vovó deu-me este chapéuzinho vermelho de presente eu nunca mais quis tirá-lo da cabeça. Também todos acham que eu fico tão bonitinha assim !

Mãe de Chapelinho — (Entra chamando alto): Chapelinho Vermelho, ó Chapelinho Vermelho! Venha cá.

Chapelinho Vermelho — Senhora, Mamãe.

Mãe de Chapelinho — Venha cá, minha filha. Vá à casa de sua avózinha levar o pote de manteiga, o bólo e a garrafa de vinho que estão numa cesta na sala de jantar.

Você sabe que ela está muito doente. Coitada! Ela está tão fraca!

Chapelinho Vermelho — Sim senhora, mamãe, eu vou bem depressa.

(Chapelinho sai e volta com a cesta).

Mãe de Chapelinho — Vá bem depressa, Chapelinho Vermelho. Não pare no caminho. Olhe que há lobos na floresta, hein?

Chapelinho Vermelho — Sim! Eu vou muito direitinha, mamãe. Até logo, mamãe.

Mãe de Chapelinho — Até logo, minha filha. Vá com Deus.

(Apaga-se a luz e retiram-se todas as figuras).

Locutora (Fala atrás do palco, enquanto as crianças preparam as figuras do ato seguinte).

E Chapelinho Vermelho abotoou a capinha e saiu depressa a caminho da casa da avózinha. Foi andando, andando, até entrar na floresta.

II ATO

1.^a cena — Chapelinho Vermelho na floresta. (Acende-se a luz).

Chapelinho Vermelho — Vou bem depressa. Mamãe disse que não me demorasse no caminho por causa dos lobos! Mas... como é bonita a floresta!... Eu gostaria tanto de apanhar algumas flores e levar uma cesta cheinha para a vovó. Se eu demorar um pouquinho, não faz mal.

(Ouve-se um barulho de folhas secas: chuá... chuá... chuá... chuá...)

2.^a Cena

O lobo (entrando diz com voz grossa e rouca):

Bom dia! Chapelinho Vermelho.

Chapelinho Vermelho — (Recuando assustada com voz trêmula):

Bom dia, seu lobo.

Lobo — Onde vai você com este cestinho?

Chapelinho Vermelho — Eu vou à casa da vovózinha.

Lobo — E que leva você aí nesta cestinha?

Chapelinho Vermelho — Um pote de manteiga, um bôlo e uma garrafa de vinho que a mamãe manda para ela. A vovózinha está doente.

Lobo — Mas sua avó mora muito longe?

Chapelinho Vermelho — Mora, sim. E' lá longe, numa casinha no fim da floresta. Você sabe onde é?

Lobo — Ah! sei sim, Chapelinho. E' uma casa bonita, para os lados do moinho.

Chapelinho Vermelho — Pois é lá. E' essa mesmo.

Lobo — Você quer chegar depressa à casa de sua avó, Chapelinho? Pois passe por este caminho aqui. E' muito mais perto. Olhe. Ali adiante há muitas flores amarelas, vermelhas, muito lindas mesmo. Você não quer levar umas para sua avó?

Chapelinho Vermelho — Quero sim, quero sim.

Lobo — Até logo, Chapelinho. Eu vou por este caminho.

Chapelinho Vermelho — E eu vou por aquêle lá.

(Apaga-se a luz. Retiram-se as figuras).

Locutora — Chapelinho Vermelho foi andando pelo caminho. O lobo que era muito esperto saiu correndo pela floresta afora, para chegar primeiro do que Chapelinho à casa da avózinha.

Quando chegou lá bateu à porta.

III ATO

1.^a Cena — Casa da Avózinha.

Lobo (batendo à porta) Toc... toc... toc.

(Silêncio. Bate outra vez) Toc... toc... toc...

(O lobo empurra a porta e aparece na janela bufando):
Bufff... bufff... bufff... bufff... (Com voz rouca) Que bom, a avó de Chapelinho Vermelho saiu. Agora vou fingir de avó.

zinha. Eu vou vestir a roupa dela, pôr a touca e vou ficar igualzinho a ela.

Depois eu me enfio debaixo das cobertas e finjo que estou doente.

Quando Chapelinho Vermelho chegar, zás!... vou pegá-la e comê-la inteirinha!

(Bufa). Bufff... bufff... bufff...

(Ri de satisfação). Oh!... oh!... oh!... oh!...

(Apaga-se a luz e o lóbo sai).

Locutora — E o lóbo vestiu a camisola da avózinha, deitou-se na cama, dela cobriu-se e ficou esperando.

Daí a pouco, Chapelinho Vermelho chega bem cansadinho, com a cesta para a avó.

2.^a cena — (Aparecem a casa da avózinha de um lado e Chapelinho entrando com a cestinha.)

Chapelinho Vermelho — Oh! é bem longe a casa da avózinha! Fiquei tão cansada! (Bate) Toc... toc... toc... (Silêncio. Torna a bater) Toc... toc... toc... Vovó! O' Vovózinha, abra a porta.

Lóbo — (de dentro, imitando a voz da velha) Quem é? Quem é?

Chapelinho Vermelho — Sou eu, vovó, a sua netinha. Eu vim trazer bôlo e vinho para a senhora.

Lóbo — (de dentro, gemendo) An... an... an... Abra a porta e entre, menina. Eu estou tão fraca hoje que não posso dar um passo.

Chapelinho Vermelho — (fala para a platéia) Ih! i... eu não sei o que eu tenho hoje; eu gosto tanto de vir à casa da vovó, hoje está tão exquisito! Estou com medo!

Lóbo — Entre, minha netinha.

(Apaga-se a luz).

Locutora — Chapelinho Vermelho entra e aproxima-se reciosa, da cama, onde o lóbo se acha deitado. Chega bem pertinho e cumprimenta a avózinha.

3.^a Cena —

Chapelinho Vermelho conversa com o lóbo que aparece deitado na cama da avózinha.

Chapelinho Vermelho — Bom dia, vovó! Olhe, eu trouxe esta cestinha, com um pote de manteiga, um bôlo e uma garrafa de vinho que a mamãe manda para a senhora.

Lóbo — Ponha a cesta no chão e venha sentar perto de mim.

Chapelinho Vermelho — (aproximando-se) A avózinha está tão diferente! Ih! iiiii... Vovó, que olhos grandes a senhora tem hoje!

Lóbo — E' para enxergar você melhor, minha neta.

Chapelinho Vermelho — Ih! Vovó, que orelhas tão grandes a senhora tem!

Lóbo — E' para ouvir você melhor, minha neta.

Chapelinho Vermelho — Ih! vovó, que braços tão grandes!

Lóbo — E' para abraçar você melhor, minha neta.

Chapelinho Vermelho — Vovó, que dentes tão compridos!

Lóbo — E' para comer você, minha neta.

(Avança para a menina que sai correndo e gritando. O lóbo bufando): Buff... buff... buff... uff... uff!...

Chapelinho Vermelho — Ai, ai, ai! Ai, ai, ai!... Mãe, mamãe! Vovó, vovó!...

(Apaga-se a luz).

Locutora — E Chapelinho Vermelho saiu correndo com medo do lóbo. Mas, o lóbo não conseguiu pegar Chapelinho porque sua camisola prendeu-se no pé da cama. Aos gritos da menina, chega assustada a avózinha.

4.^a Cena — (Acende-se a luz. A avó entra trazendo um machado e diz):

Avó — Ah! eu já sabia. Deixe estar, seu malandro! Desta vez você não me escapa.

(Fora ouve-se em tiro: Pum!...)

Caçador — (gritando) Toma bicho danado! Até que enfim te apanhei! Morreu mesmo. Morreu!

Caçador e Chapelinho Vermelho — (entram).

Caçador — Matei o lóbo! Era um lóbo terrível! Sabia

até conversar com as meninas. Agora, vocês podem atravessar a floresta sem susto.

Chapelinho Vermelho — Era mesmo. Era um lobo muito mau. Ele queria me comer. Se não fôsse a camisola da vovó ficar presa no pé da cama ele me pegava.

Avô — Graças a Deus, o lobo morreu!

Agora estamos livres do perigo. Venha seu caçador, venha comer um pedaço de bôlo com manteiga que Chapelinho trouxe.

Deve estar muito gostoso. Venha, toma um pouquinho de vinho também, para festejar a morte do lobo.

Mãe de Chapelinho (de fora) — Chapelinho — Mamã! Onde estão vocês? (Entrando).

Que susto você me fez passar, minha filha! Fiquei tão aflita com sua demora que vim ver o que aconteceu.

Caçador — Matei o lobo, minha senhora.

Agora podem passar pela floresta sem medo. Não há mais perigo.

Chapelinho Vermelho — Que bom! O lobo mau morreu! Vamos cantar para festejar a morte do lobo.

(Todos contam).

Vamos cantar e dansar
Que o lobo mau já morreu
Uff... Uff... Uff...
Que uivo feio, ele deu!

Trá lá, lá, lá, lá, etc.

A floresta, sem perigo
Eu já posso atravessar,
E a querida vovózinha
Doces e bolos levar!

Trá lá, lá, lá, lá, lá, etc.

(Apaga-se a luz).

3.ª parte

Material

O material para o "Teatrinha de Sombras" é muito simples e de fácil confecção. Consiste no seguinte:

Palco
Luz
Silhuetas.

Palco — O palco pode ser construído em madeira fina ou papelão forte, sendo necessário três pedaços: um maior, de 63 x 48 centímetros, e dois menores, de 20 x 48 centímetros, fig. I. Os pedaços menores são ligados ao maior por meio de dobradiças ou tiras de pano forte. Estes lados manterão o palco em boa posição.

Na janelinha A, (fig. I), cola-se uma fôlha de papel impermeável branco, que deve ser bem esticado, isto é, sem rugas ou pregas. As figurinhas são apresentadas de encontro a êste papel.

Para apresentar um bom aspecto, o palco poderá ser pintado externamente ou forrado com um bonito papel.

A colocação do palco para a representação deverá ser feita de maneira que as crianças, manejando as figurinhas, não sejam vistas. Poderá ser colocado sobre uma mesinha e esta sobre um estrado, para que os manipuladores possam estar de pé, confortavelmente durante a representação. (Fig. I e II).

Luz — São necessárias uma lâmpada e uma boquilha presa a um pedaço de madeira, com uma tomada na extremidade do fio. (Fig. III).

Na falta de luz elétrica, a vela ou o lampeão a querosene poderão servir perfeitamente.

A iluminação deverá ser cuidadosamente preparada para que a sombra, ao ser projetada, produza bom efeito.

A sala em que se realizar a representação, deverá ficar às

escuras.

Cada vez que terminar uma cena, a luz do palco é apagada para a substituição das figuras e nesses intervalos, que deverão ser bem curtos, um locutor contará mais um pedacinho da história, a fim de continuar prendendo a atenção do auditório e estabelecer a seqüência entre as cenas.

(Fig. 3)

Silhuetas — As silhuetas constituem parte importante do material. Escolhida a história a ser dramatizada, feita a sua divisão em atos e estes em cenas, as personagens e cenários são estudados pormenorizadamente e desenhados todos de perfil. Uma vez prontos, estes desenhos são recortados em cartolina preta ou em qualquer papelão bem fino, pintando-se depois.

As figurinhas são fixadas às extremidades de um suporte de arame torcido (fig. IV) por meio de duas alças de arame bem fino ou de linha forte. B. C., (fig. 4)

(Fig. 4 e 5)

Cada figura ou cenário terá seu suporte de arame. Por exemplo:

Para a primeira cena do 1.º ato serão necessários três suportes: um para casa, podendo ser prêsso ao telhado; outro para a mãe de Chapelinho que entra em cena antes da menina, e o terceiro para Chapeuzinho Vermelho que entra depois respondendo ao chamado de sua mãe.

Uma figurinha pode fazer parte de mais de uma cena.

Como a silhueta da mãe de Chapelinho, que aqui foi repetida duas vezes, o mesmo acontecendo à de Chapeuzinho Vermelho.

A figurinha é apresentada com ligeira pressão, de encontro ao papel impermeável do palco, pelo interior deste e movimentada de acôrdo com o papel que desempenha.

Enquanto as silhuetas se projetam no palco, os atores falam, representando as personagens da cena.

MARIA JOSÉ FERBER E ALCINA LANA

O problema da disciplina

(Para ler)

MÁRIO CASASANTA

Iniciamos hoje a publicação de páginas da "Revista do Ensino" de dez e vinte anos atrás. São páginas que sempre serão lidas com prazer, e que nunca perdem a atualidade, dado o acôrto dos conceitos que contém.

No n.º 55 de "R. E.", março de 1931, o Dr. Mário Casasanta publicava as interessantes e oportunas notas que ora vamos reler, nas quais o professor encontrará uma opinião segura a respeito de um dos grandes problemas da educação, o da disciplina, encontrando também as bases mais proveáveis de sua solução.

Formar cidadãos

— Já por várias vezes, temos aqui afirmado que um dos objetivos principais da escola é formar cidadãos, que compreendam bem o papel que lhes está reservado na vida da coletividade.

Nessas condições, cumpre-lhe desenvolver aquelas qualidades essenciais à democracia, como sejam a cooperação, sentimento da lei, respeito à personalidade alheia, independência moral e material.

Para isso, torna-se necessário que a escola se transforme naquela "sociedade em miniatura" de que fala Dewey, um verdadeiro laboratório de cidadania, em que as crianças comecem a exercitar as funções de indivíduo e de membro de uma coletividade. Ir-se-ão assim compenetrando a pouco e pouco de que uma coisa é o indivíduo considerado isoladamente, trabalhando por si, pelo seu progresso material

e espiritual, longe dos companheiros, e outra coisa é o membro de uma coletividade, pondo-a acima de si próprio, trabalhando-lhe pelo aperfeiçoamento e, em todo caso, procurando conciliar os interesses individuais com os sociais, sem detrimento de um nem de outro.

A educação autocrática

— E' certo, como já se assinalou, que a educação da infância tem sido e é acentuadamente autocrática, isto é, as crianças até certa idade obedecem a seus pais e guias, como um povo primitivo atende cegamente ao comando de seu senhor.

Mas como um povo vai conquistando as suas liberdades e franquias, na medida que se vai ilustrando, assim as crianças vão exigindo liberdade e desembaraço, na medida de seu crescimento e amadurecimento.

Não se censura, portanto, o colorido autocrático da educação da primeira infância, porque toda gente sabe que não é possível atribuir-se auto-direção às próprias crianças, sem evidente perigo.

O que se censura é a continuação dêsse regime absurdo, quando elas já revelam condições de agir por si, de pensarem com a sua cabeça e de fazerem com as suas mãos. Seria a mesma coisa que se não permitísse às crianças de três anos andarem com os seus pés com a desculpa de que não têm o contróle necessário, e, portanto, capazes de cair e de se machucarem.

Organização democrática

— O professor, para evitar a passagem brusca de um regime autocrático para um democrático, tomará medidas para organização de período de transição, visto que, na escola, como nas sociedades, a liberdade imediata não vem sem complicações por vêzes graves. E' indispensável, por assim dizer, dar às crianças a educação da liberdade, ensinar-lhes os primeiros passos e as primeiras palavras, como

uma arte de aprendizado difícil. E', com efeito, ingênuo esperar que a liberdade, boa em si, só produza frutos bons, com o seu simples aparecimento, devendo-se, ao contrário, ter em mente o que afirmou uma grande mulher que, sob o nome da liberdade, se cometeram graves iniquidades.

Tudo é questão de oportunidade: boa em si e única fórmula certa, só é quando aparece no seu momento.

Assim, o professor irá organizando uma sociedade entre os seus alunos, em que haja uma boa dosagem entre liberdade e autoridade, por forma que esta tenda a desaparecer, através do curso, até que os alunos, perfeitamente conscientes de seus deveres e de seus direitos, a dispensem de todo e se dirijam por si próprios.

Atividade extra-curriculo

Voltamos a insistir que as atividades extra-curriculo oferecem os meios necessários à educação dos cidadãos. Nos clubes, onde tantas vêzes as crianças põem em jôgo o seu critério de escolha, a sua iniciativa, a sua independência, os seus sentimentos de justiça; nos conselhos, por meio dos quais participam da própria administração da escola; na organização de excursões, museus e bibliotecas, em que aprendem a distribuir, a ponderar e a organizar, — em toda a vida escolar, finalmente, se lhes deparam oportunidades magníficas e numerosas para a sua formação moral e cívica.

Como julgar as atividades

Firmando êsse objetivo de preparar cidadãos para uma nação democrática, é fácil julgar se esta ou aquela atividade está sendo bem feita ou mal feita.

E' vulgar, com efeito, esta pergunta: Este auditório está bem organizado? O meu clube de leitura funciona bem? Que tal acha a biblioteca da escola?

Ora, amigos, nós temos um metro para medir o valor e a eficiência de nossas atividades e êsse metro é o conjunto de objetivos que com elas pretendemos alcançar.

Assim, pergunto-vos se o vosso clube desenvolveu a co-
operação, a iniciativa, a independência dos alunos; se, depois
do último auditório, notastes maior combinação entre os
vossos alunos e maior capacidade de organização; se, depois
da última excursão, observastes maior apêgo à escola, maior
respeito pelos companheiros e maior iniciativa.

Se não observastes êsses resultados, modificaí o vosso
clube, organizaí melhor o vosso auditório e transformaí as
vossas excursões. Caminhais por maus caminhos e estais
trabalhando em vão, como quem quer arar um rochedo e
nêle semear. Menos fadiga e mais proveito, eis o que deveis
alcançar através de uma pouca de reflexão sôbre as ativi-
dades que dirigis.

II

O problema da disciplina

A palavra disciplina, acha-se tão desmoralizada e tur-
pada, em nossas escolas, por séculos de rotina, que seria
melhor substituí-la por outra.

Chamar-lhe-íamos, por exemplo, govêrno e teríamos ex-
primido bem o seu verdadeiro conceito, porque disciplina,
nada mais é do que a manutenção da ordem, por bem ou
por mal. Escola disciplinada é escola ordenada, quer seja
pelo prêmio, quer seja pelo castigo. O tipo mais comum é a
disciplina imposta pelo castigo.

Disciplina, Govêrno

É necessário, entretanto, que êsses dois conceitos disci-
plina — castigo saíam da cabeça de nossos professores. Tal
conceito não pode ter cabida mais em nossas escolas. É
uma idéia velha e horrível, que traz tôdas as teias de aranha
e todos os atrasos do passado.

De fato, uma criatura não estuda para ser o algoz de
ninguém e tanto menos das crianças. — Isto de impôr silêncio,
com o sobrececho carregado, à força de ameaças ou de prê-

miões, é um crime contra a infância e, por isso mesmo, contra
a humanidade.

O papel do mestre não pode ser êsse de disciplinar.
Papel de polícia. Polícia antiga. Quanto mais bravo, mel-
hor o mestre. Aquêlê é bom, tem força. Aquêlê é enér-
gico, não repete palavras, quando dita. Aqueloutra é a
melhor professora, porque não admite vacilações, diante de
suas ordens.

Isso não é disciplina, é castigo, é martírio, é constrangi-
mento.

Disso não tem necessidade a escola. O que a escola
quer é que os alunos façam, com critério, os seus trabalhos,
e se desenvolvam em todos os seus aspectos, para virem a ser
cidadãos dignos de uma democracia.

Para tal — não é necessário castigo, mas govêrno.

O novo conceito da disciplina

— O novo conceito da disciplina é muito mais intelligen-
te: a escola é um laboratório de cidadania. Destina-se a
preparar membros eficientes de uma coletividade.

Nessas condições, cumpre-lhe organizar-se como uma
pequena sociedade, aquela "sociedade em miniatura" a que
se refere Dewey e dirigir-lhe como as sociedades se diri-
gem. Não com ameaças nem castigos, mas diferentemente,
de acôrdo com o grau de civilização do povo.

Assim, no passado remoto, a anarquia. Depois, o man-
do de um só. Depois, a vontade do grupo a preponderar.
E, finalmente, o ideal de tôdas as nações e que consis-
te na cooperação espontânea de cada indivíduo para o
bem comum, sem necessidade da ordem do grupo.

Assim também há escolas sem govêrno, em que os alu-
nos fazem o que querem. Há outras em que o mestre dá re-
gras e obriga a sua execução. Outras, em que os alunos
se dirigem, chamando a si a tarefa do govêrno da escola,
por meio de organizações especiais. Outras, enfim, (quan-
do, santo Deus?) em que os alunos não têm necessidade de
ordens para cooperarem para o trabalho comum.

Como se vê, são vários tipos de organizações, do mais baixo ao mais alto.

O nosso problema

— Vamos plantar agora aqui os nossos problemas.

Nós temos que preparar cidadãos para a democracia brasileira. A democracia brasileira dará tóda a indepen-
cência a todos os cidadãos, não permitirá privilégios nem monopólios, não reconhecerá classes, assegurará o pleno exercício de todos os direitos, não saberá os apelidos dos seus cidadãos. Igualdade, liberdade, fraternidade. Três grandes palavras, que custaram rios de sangue... Em nossa democracia nossos patrícios deverão pôr o bem público acima do bem individual e deverão compreender que trabalhar para o bem público é o primeiro dever do cidadão.

Pois bem: as nossas escolas estão preparando cidadãos?

Os alunos têm liberdade de pensar, de exprimir a sua opinião, de a defender? As suas opiniões são respeitadas e atendidas, quando justas?

Ensinam-se-lhes cooperação?

Praticam as virtudes republicanas de escolher o bom chefe para o seu grupo e de distribuir os cargos de acôrdo com a capacidade de seus companheiros?

Têm coragem de errar?

Não se zangam, quando os companheiros lhes corrigem os erros?

Sabem ser modestos, quando vencem nos jogos, e enquadram-se, quando são vencidos?

Os alunos deliberam, criticam, assumem responsabilidades?

Façamos essas perguntas, verifiquemos bem e chegaremos à conclusão de que as crianças são, em casa e nos lares, verdadeiros autómatos, que têm de obedecer, obedecer, obedecer, escutar sem resmungar, padecer injustiças sem uma rebelião, preparando-se assim não para parte numa combinação democrática, mas para servirem as tiranias, em que se um sente, pensa e quer, por todos os homens de sua terra.



FESTA DA PRIMAVERA. - GRUPO ESCOLAR
"LUCIO DOS SANTOS", DA CAPITAL.



Convenhamos em que não estamos preparando o advento de uma democracia e que o horror que a palavra liberdade desperta nos nossos professores é um sentimento que hoje não suporta à luz do sol. Está inteiramente fora da moda e traz, no mínimo, o carinho do século 17.

III

O grande problema

— Cremos que ficou bem definido o que entendemos por disciplina. Não é apenas a aplicação de um código, prêmio para o bem e penalidades para os erros, mas um sistema de governo.

Trata-se de uma pequena sociedade? Faz-se mistér um sistema de governo, que a organize e faça funcionar, no sentido dos objetivos que tem em vista.

Ora, o objetivo que a escola brasileira tem em vista é a elaboração de cidadãos para tomarem parte na sua organização, que é e tem de ser democrática.

Logo, a escola, brasileira tem de adotar um sistema de disciplina, isto é, de organização e de governo, que procure desenvolver aquelas virtudes fundamentais para uma democracia, através de atividades e processos adequados.

Tolstoi

— Tanto é certo que a escola prepara um regime, que Guyau reputa a escola de *Yasnaia Poliana* só adequada à preparação de um sistema, sem chefe nem juizes, como Tolstoi podia sonhar.

Justo é, todavia, assinalar que o conceito que Tolstoi tinha da disciplina é inteligente e certo, pois está sendo comprovado, dia a dia, no que tem de essencial.

Brasil-colonial

— Também é certo que uma escola colonial devia ser profundamente diferente de uma escola do Império ou da República.

Pois não é. Tirando os castigos físicos, que se empregam menos freqüentemente e às escondidas, dada a proibição terminante do regulamento, — o nosso sistema disciplinar ainda em muitos lugares continua a manter a organização colonial.

Pensamos bem o que se passa em nossas escolas e havemos de concluir que são adequadas à formação de máquinas de obedecer. O professor dita um punhado de regras, que devem ser integralmente obedecidas. Ponto por ponto. Se não forem obedecidas, ameaças e castigos. Mas não castigos de palavras. Castigos de fato.

Os quatro tipos de disciplina

— Voltemos aos quatro tipos de disciplina, acerca dos quais falamos, sábado último, aceitando classificação de Seeds e Hillegas, professores norte-americano, de que nos valem para esta exposição.

Não são exclusivos da escola, mas de tôdas as sociedades humanas, de uma nação à um povoado, de um exército a uma ordem religiosa, de um clube esportivo a uma sociedade secreta.

Em tôdas essas modalidades de associação, há um conjunto de princípios que lhes presidem à organização e ao funcionamento.

No primeiro tipo, não há ordem alguma; no segundo, mais elevado, o professor é uma espécie de ditador, porque só ele pensa e manda, enquanto os alunos ouvem e agem, sem discrepância; no terceiro tipo, predomina a vontade do grupo, que os alunos procuram conhecer e à qual procuram obedecer; no quarto tipo, finalmente, os alunos agem de acordo com o bem do grupo, por um impulso espontâneo, desinteressadamente, postergando interesses egoísticos e particulares.

O primeiro conduz à anarquia

O primeiro tipo de disciplina, em que os alunos fazem o que querem, como se não existisse o professor, conduz à anarquia.

É uma desorganização que traz péssimas conseqüências, porque induz à formação de maus hábitos.

Nela têm caído vários professores que conceitnam mal a liberdade. Não compreendem que homem livre não é o que faz o que quer, mas o que faz o que deve. Quem fere os direitos e os privilégios dos companheiros não usa da liberdade, mas abusa dela, e comete iniquidades. Não se confunda liberdade com liberdades...

O professor é um ditador

No segundo tipo, o professor dita regras aos alunos e todo o seu tempo é despendido na vigilância sobre a sua execução. Por isso, bem cabe ao professor a qualificação de ditador.

É o tipo mais comum entre nós. Os pais e autoridades ordinariamente o apreciam, porque impõe ordem e permite um trabalho de algum modo eficiente.

Os próprios alunos não o encaram mal, sobretudo quando o professor é justo e aplica as penas como distribui os prêmios, com critério e ponderação.

Entretanto, está provado que isso não é fácil, em primeiro lugar, porque nem todos os professores têm as qualidades policiais necessárias para amedrontar e, em segundo lugar, porque, se espertos e justos, esgotam esforços, energia e saúde, no trabalho terrível de vigiar pertinazmente as crianças e as suas travessuras.

Não traz também o resultado desejado, porque, mal o mestre cochila ou volta as costas, os alunos se transformam de ovelhas em leões e fazem o que podem de mal.

A pior conseqüência, todavia, é transformar as crianças em seres passivos, autômatos, máquinas, que, depois de cidadãos, terão horror da responsabilidade e seguirão a cabeça dos outros por incapacidade de pensar e querer, sejam esses outros bons ou maus.

É uma disciplina a que já se tem chamado napoleônica e, por isso mesmo, mais destinada a formar vassallos de chefes, absolutos do que verdadeiros cidadãos.

Os pais e autoridades, que preconizam tal sistema, enganam-se com as aparências, que são boas de fato para o presente, mas de terríveis conseqüências para o futuro.

Estava bom para o Brasil colonial, há mais de um século atrás, e os que empregam sistematicamente merecem a atenção dos magistrados, como corruptores da infância. Deformadores da infância e, portanto, inimigos da pátria. A frase é dura, mas justa, se se olham os fatos e não apenas as intenções.

Como se forma o cidadão

O terceiro e o quarto tipo de disciplina são apropriados para a formação de cidadãos, isto é, membros conscientes e eficientes de uma democracia.

No terceiro, o que prepondera é a decisão do grupo.

Exemplo: combinado um jogo, os meninos põem-se a brincar. Um deles, porém, quebra as regras do jogo e o grupo se irrita contra ele, por forma que ou tem de sair ou tem de obedecer.

Nesse caso, os alunos estabelecem regras de trabalho e procedimento, de acordo com as quais procuram agir.

No quarto tipo, afinal, os alunos agem espontaneamente em bem da escola, pondo de parte as pretensões e desejos de caráter particular.

Vamos a um exemplo: de trinta alunos de uma classe, cinco desejam um jogo, dois uma história e a maior parte uma excursão ao circo, para conhecer os animais. Os primeiros, não obstante já terem ido ao circo, aderem à ideia e tomam a si a tarefa de guiar os companheiros e de lhes explicar as proezas dos animais.

Conclusões

É esta uma escala de tipos e seria absurdo começar logo pelo último degrau. Há situações em que o professor tem de usar do segundo tipo, isto é, mandar e ser obedecido, de conformidade com o grau de desenvolvimento da classe.

Assim, dêse regime autocrático, em que o professor manda e os alunos obedecem, a tendência deve ser para o regime democrático, contemplado no terceiro e no quarto tipo, sem se perderem de vista as considerações que temos feito, em notas anteriores, sobre os perigos provenientes de uma transição brusca.

Essa passagem deve ser feita, através de organizações especiais, paulatinamente, não se podendo esperar delas resultado imediato. Entretanto, todo o esforço dos mestres deve convergir para essa tarefa.

Para isto, cumpre considerar bem a classe, para adotar o regime adequado. Vamos dar a hipótese de que não permita uma liberdade ampla. Dar-se-á de começo pouco e ir-se-lhe-á concedendo mais, na medida de seu desenvolvimento.

Há, consoante o assinalamos, um vagaroso aprendizado. Isso, todavia, não pode servir de desculpa aos professores comodistas para receberem, de má cara, as novas idéias. Ao contrário. Apenas quer dizer que os professores devem agir com prudência e moderação, acolhendo as determinações dos inspetores, com carinho, e procurando pô-las em prática, com o vivo interesse de as ver realizadas, com êxito.

Nunca se diga: A minha classe não tem a capacidade e o desenvolvimento suficiente para adotar o terceiro ou o quarto tipo. Tem de ficar no segundo, até que se desenvolva.

Mas tem-se de dizer: Apesar de minha classe não ter o necessário desenvolvimento para adotar o terceiro ou o quarto grau, vou aplicar imediatamente certas medidas e organizar certas instituições que permitam a adoção de um tipo mais elevado de disciplina.

O contrário disso seria perpetuar um velhíssimo abuso, sob pretextos mais ou menos aceitáveis...

De tudo se conclui a necessidade de dar às classes uma organização ponderada e inteligente, que leve em conta não só o nível moral e mental dos alunos, mas sobretudo os objetivos da escola, que se resumem na formação de cidadãos.

Não há maior nem mais importante. É certo que o aluno saberá menos fatos da história ou menos nomes de geografia.

Mas que é isso, afinal senão uma bagaccira, diante da aquisição de virtudes cívicas, importantes e essenciais, para o bem do indivíduo e da coletividade, tais, como a lealdade, a exatidão, o desassombro, o desinteresse, o respeito à personalidade alheia, o devotamento ao bem público?

*

ASSINATURA DA "REVISTA DO ENSINO"

	Cr \$
Anual	50,00
Semestral	25,00
Número avulso	5,00
Coleção de um ano	50,00

Os pedidos devem ser endereçados a J. B. Santiago — Diretor da "REVISTA DO ENSINO" — Secretária da Educação — Belo Horizonte.

(Continuação da pág. 133)

Biblioteca Infantil, alma da Escola Primária

NAIR STARLING

XIX

Histórias aconselhadas pelo Programa de Ensino em experiência

1.º ano:

- "D. Baratinha" — Contos da Carochinha — F. Pimentel.
- "A Gatinha Branca" — H. da Avózinha — F. Pimentel.
- "Os Três Porquinhos" — T. da Juventude — 1.º volume.
- "Os Músicos de Bremen" — Contos de Grimm.
- "O Gato de Botas" — Contos de Fadas — Perrault.
- "Pequeno Polegar" — Contos de Fadas — Perrault.
- "Joãozinho e Maria" — Contos da Carochinha — F. Pimentel e Joãozinho e Maria de Heli Menegali.
- "As Fadas" — C. de Fadas — Perrault.
- "O Príncipe Sapo" — Contos de Grimm.
- "Chapéuzinho Vermelho" — Contos da Carochinha.
- "Os Três Ursos da Floresta" — T. da Juventude — 4.º volume.
- "Riquete Topetudo" — C. de Fadas — Perrault.
- "O Isqueiro encantado" — C. de Andersen.
- "Rapunzel" — Novos Contos de Grimm.
- "A Gata Borracheira" — C. de Fadas — Perrault.
- "Branca de Neve" — C. de Grimm.
- "Margaridinha e o Veado" — Novos Contos de Grimm.
- "O Ganso Dourado" — Contos de Grimm.
- "A Bela adormecida no bosque" — C. de Fadas — Perrault.

"O Alfaiate Valentão" — Contos de Grimm.

"Os Cines Selvagens" — Contos de Andersen.

2.º ano:

"Velocino de ouro" — Coleção Arnaldo Barreto.

"Rosa Branca e Rosa Vermelha" — C. de Grimm.

"História de anões" — C. de Grimm.

"Aladino e a Lâmpada Maravilhosa" — C. da Carochinha — F. Pimentel.

"A Fonte da Vida" — T. da Juventude — 10.º volume.

"O Pássaro Azul" — T. da Juventude — 16.º volume.

"O Cavalo encantado" — T. da Juventude — 10.º volume.

"Branca Flor" — Histórias do País de Ali-Babá de D. Rachele Aurora.

"João Grumete" — H. de Tia Anastácia Lobato.

"O Cavaleiro do Cisne" — C. Arnaldo Barreto.

"Rosa Mágica" — C. Arnaldo Barreto.

"No Reino das Fadas" — Jerônimo Monteiro.

"Viagens Maravilhosas de Simbad, o marinheiro" — C. Arnaldo Barreto.

"O pé de feijão" — C. da Carochinha — F. Pimentel.

"João Bobo" — C. da Carochinha — F. Pimentel.

"Narizinho Arrebitado" — Lobato.

"Juca e Chico" — Busch.

"História da Cristininha" — Quatro Históriaszinhas de Carlos Frederico.

"Os bonecos de Elzinha" — Quatro Históriaszinhas de Carlos Frederico.

"Tinzinho dos pés rombos" — Quatro Históriaszinhas de Carlos Frederico.

"O Tocador de Gaita" — Histórias que a Mamãe contava — João Kopke.

"Histórias de animais" — João Kopke.

3.º e 4.º anos:

"O Moinho do Inferno" — (Lenda da água salgada) — H. da Baratinha de F. Pimentel e "Nossas Lendas" de Nair Starling.

"O Pinheiro" — Contos de Andersen.



MUSEU ESCOLAR
DO GRUPO DE CONQUISTA

- "A Princesa dos Cabelos de Ouro" — T. da Juventude — Volume 7.^o.
- "O Patinho Feio" — Contos de Andersen.
- "O Senhor Saco de Riso" — O' Minha Infância de J. Jobin.
- "No país onde não havia gatos" — O' Minha Inf. de J. Jobin.
- "O vaso mágico" — O' Minha Inf. de J. Jobin.
- "O casamento do príncipe" — O' Minha Inf. de J. Jobin.
- "Contos de Natal" — Selma Langerloff) — O' Minha Infância de J. Jobin.
- "Os dois Corcundas" — T. da Juventude — Vol. 15.^o e O' Minha Infância de J. Jobin.
- "Borboleta Amarela" — C. A. Barreto.
- "A Pétala de Rosa" — C. A. Barreto.
- "O Cavaleiro do Cisne" — C. A. Barreto.
- "O Filho do Pescador" — C. A. Barreto.
- "Veadinha Cór de Neve" — C. A. Barreto.
- "Os 3 Príncipes Coroados" — C. de A. Barreto.
- "As 3 Cabeças de Ouro" — C. de A. Barreto.
- "História de José do Egito" — H. Sagrada.
- "Dos Apeninos aos Andes" — Coração de Amicis.
- "Artos e Calistos" — Nova Mitologia Grega e Romana — T. de Tomás Lopes.
- "Bárbara Heliodora" — Livro de Elza e João Lúcio.
- "Tiradentes" — H. do Brasil para crianças, de Viriato Corrêa.
- "Marília de Dirceu" — H. da Terra Mineira, de Carlos Góis.
- "Orfeu e Euridice" — Pequena Mitologia, de Mário G. Naylor.
- "A História de Rute" — História Sagrada.
- "O Patriotazinho de Pádua" — Coração de Amicis.
- "Vida de Joana D'Arc" — Inst. Moral e Cívica de C. Góis e Joana D'Arc de Erico Veríssimo.
- "David e o Gigante Golias" — H. Sagrada.
- "Naufrágio" — Coração de Amicis.
- "A volta de Brunhilda" — Dic. Internacional 10.659.
- "Vida de Pasteur" — Os Grandes Benefeitores da Humanidade de F. Aquarone.
- "Vida de S. Francisco" — H. da Civilização de Joaquim Silva.

- "Fatos da Retirada da Laguna" — A Retirada da Laguna de A. Taunay.
- "Orion ou a Const. do Caçador" — Pequena Mitologia de Mário Guedes.
- "Lenda de São Cristóvão — T. da Juventude, vol. 4.º e Nasas Lendas, de Nair Starling.
- "O Cavaleiro sem igual ou a Lenda de Rolando" — Barros Ferreira.
- "Guilherme Tell" — Barros Ferreira.
- "A vida de S. Inácio de Loiola" — Sto. Inácio de Loiola do P. Bertoldo Braun.
- "Ariana ou a Const. da Coroa" — Nova Mitologia Grega e Romana — T. Lopes.
- "A vida de Edison" — Os Grandes Benfeitores da Humanidade — Aquarone.
- "A Bandeira de Fernão Dias" — Paulo Setúbal.
- "Castor e Polux ou a Constelação dos Gêmeos" — Tico-Tico 1936 (Almanaque).
- "Alexandre e Bucéfalos" — Dicionário Internacional.
- "Capela ou o Chifre da Abundância" — Dicionário Internacional, 65.
- "O tamborzinho Pardo" — Coração de Amicis.
- "Sangue Romagnolo" — Coração de Amicis.

Adaptações do método decimal para as Bibliotecas Infantis

Para a bibliotecária compreender devidamente as adaptações é necessário que tenha conhecimento do Método Decimal.

Na tabela decimal encontramos o número 869.0 para a Literatura Portuguesa.

Vejamos as subdivisões deste número:

- 869.0 *Literatura Portuguesa*
 869.1 Poesia
 869.2 Teatro
 869.3 Romance, conto, novela

- 869.4 Ensaios
 869.5 Eloquência, discursos
 869.6 Arte epistolar, cartas
 869.7 Sátiras, literatura humorística.
 869.8 Miscelânea, máximas, etc.
 869.9 Literatura galega.

Em seguida, encontramos 869.0 (81) para a Literatura Brasileira. (81) destaca que é americana.

Vejamos as subdivisões deste número:

- 869.0 (81) *Literatura Brasileira*
 869.1 (81) Poesia
 869.2 (81) Teatro
 869.3 (81) Romance, conto, novela
 869.4 (81) Ensaios
 869.5 (81) Eloquência, discursos
 869.6 (81) Arte epistolar, cartas
 869.7 (81) Sátiras, literatura humorística
 869.8 (81) Miscelânea, máximas, etc.
 869.9 (81) *Literatura Infantil*.

- No número 869.9 (81) correspondente á Literatura galega, que na subdivisão da Literatura Brasileira se acha vago, introduzimos a Literatura Infantil.

Subdivisões da Literatura Infantil

- 869.90 (81) *Literatura Infantil*
 869.91 (81) História em verso, livro rítmado.
 869.92 (81) Poesia em geral
 869.93 (81) Poesias cívicas
 869.94 (81) Leituras cívicas
 869.95 (81) Livro didático, livro de classe
 869.96 (81) Leitura recreativa (Histórias de animais).
 869.97 (81) Leitura recreativa (Histórias maravilhosas e fantásticas)

- 809.98 (81) Leitura recreativa (Fábulas, lendas, folclore)
 809.99 (81) Leitura recreativa (Aventuras e histórias reais)

Geografia e História

Para Geografia e História as tabelas satisfazem, permitindo um trabalho muito perfeito. Introduzimos apenas uma especificação na parte relativa ao Brasil:

- 981.0 *Geografia e História do Brasil*
 981.1 Amazônia
 981.2 Nordeste
 981.3 Brasil Oriental
 981.4 Brasil Central
 981.5 Brasil Meridional
 981.6 Rios, montanhas, acidentes em geral
 981.7 Capital Federal
 981.8 Homens e fatos principais da História do Brasil
 981.9 Civilização brasileira, possibilidades do futuro.

Foram apenas estas as adaptações que fizemos, de acordo com as necessidades da prática. Com o decorrer do tempo é possível que sejamos forçadas à novas e mais intensas adaptações.

(Continua)

NAIR STARLING

O professor público em face da administração

RAUL DE ALMEIDA COSTA

Nem sempre, caro professor ou estimada professora, se lhe oferecerá fácil oportunidade de ler, cuidadosamente, o Decreto-lei 804, de 28 de outubro de 1941.

Ai os assuntos que o interessam, em determinado momento, encontram-se salteadamente pelos numerosos capítulos às vészes relacionados com outros decretos e circulares, podendo escapar alguma cousa à sua inteligente observação.

Por isso, resolvi alinhar algumas considerações à guisa de palestra que é nada agradável e amena, mas, acredito, interessante e útil.

E aqui o seu interesse confunde-se com o dos funcionários em geral e com o próprio interesse da administração.

Esta, de posse de papéis em ordem, encaminhados habilmente e sob a orientação e conhecimento das leis, melhor poderá desempenhar as suas funções, sem necessidade das devoluções e dos despachos interlocutórios.

A matéria versada pode ser alterada pelos decretos e pelas leis ordinárias, mas não colide com os postulados da Constituição de 18 de setembro de 1946. O assunto é longo e será desenvolvido através de capítulos cuja publicação é patrocinada pela "Revista do Ensino", ora sob a direção do professor e intelectual João Baptista Santiago.

*

Um dos acidentes administrativos que mais frequentemente se intercalam na vida do funcionário são as licenças.

Estas, no entanto, deveriam ser evitadas sempre que não correspondam a uma necessidade imperativa.

Não queremos insinuar que alguns abusem dêse direito. O certo é que as interrupções verificadas no exercício do cargo do professor, afeta o interesse das classes e sobrecarrega a administração. Basta dizer que um dia de substituição perturba o ritmo do ensino, determina a organização de uma ficha, a lavratura de uma portaria de nomeação, expedição de ordem de pagamento o qual não vale o tempo e o material gastos com o expediente. As substituições particulares, isto é, que não emanam dos atos oficiais, envolvem fraude do substituído e prejuízo para o substituto. Pois, além do mais, o tempo de substituição é contado para efeito de aposentadoria, concurso, etc.

Não nos rebelamos contra o direito de licença cuja inexistência ou supressão seriam, de resto, inconcebíveis. Mas, é forçoso reconhecer que, em muitos casos, o devotamento à causa pública pode influir, poderosamente, no uso discreto do direito ou do favor da licença.

E não é mal que tenhamos em vista o fato de governos passados haverem premiado com seis meses de férias e um ano, o professor que tivesse dez ou vinte anos de exercício ininterrupto.

Quem garantirá que isso não aconteça de futuro?

De resto, a licença onera o tempo — 5 anos no interior e 4 na Capital, para a promoção, segundo o novo critério estabelecido pelo Decreto-lei 1876, de 29 de outubro último.

Mencionemos as várias espécies de licença: por motivo de gestação; para tratamento de saúde; por motivo de moléstia em pessoa da família; por motivo de deslocamento do funcionário quando este é mandado servir em outro ponto do Estado ou do País, licença já se vê, cujo direito cabe à esposa funcionária; por motivo de serviço militar e por motivo de interesses particulares.

A licença para tratamento de saúde dá direito ao vencimento integral nos dois primeiros meses. A metade, nos meses subsequentes até o décimo segundo e à terça parte nos

meses do segundo ano. Dois anos constituem o período máximo de licença gozada seguidamente ou em períodos entre os quais não haja a intercalação de um ano.

Convém fixar que as licenças obtidas sem o interstício mínimo de um ano de exercício no cargo serão somadas para efeito da remuneração.

Exemplo: a primeira licença abrangeu os meses de maio e junho de 1945, com vencimento integral. Se em 1946 outra licença abrange junho e julho, só neste segundo mês terá vencimento integral.

Esclarecemos que os laudos e os requerimentos não levam selos e que os referidos laudos, quando não firmados por médico da Saúde Pública exigem firmas reconhecidas, condição também necessária à validade de outros documentos que instruem o requerimento. O reconhecimento da firma, peic atual Código de Contabilidade, é selado com dois cruzeiros de estampilhas estaduais e um cruzeiro e oitenta centavos de estampilhas federais. A inspeção médica, que é gratuita, regula-se, atualmente, pelo Decreto-lei n.º 1.430, de 4 de dezembro de 1945.

Na Capital a inspeção faz-se em estabelecimentos hospitalares ou outras organizações médicas oficiais, conforme o seguinte rodízio estabelecido pela portaria de 13 de dezembro de 1945:

Instituto "Raul Soares" para os funcionários das Secretarias do Interior e das Finanças; Centro de Saúde para os das Secretarias da Viação e da Agricultura; Inspeção Médico-Escolar para os da Secretaria da Educação, incluindo-se, nesta relação, os funcionários de repartições dependentes das mesmas Secretarias.

No interior do Estado a inspeção é feita por dois médicos da Saúde Pública, onde os houver, ou por dois outros médicos.

Havendo um só médico na localidade esse poderá fornecer o atestado, desde que acompanhado por uma declaração que o prove, de Juiz de Direito, Delegado de Polícia, Promotor Público ou Juiz de Paz.

Na falta de médico, dois farmacêuticos e na falta de dois, um farmacêutico poderá atestar, desde que não falte a referida declaração. Mas a licença assim instruída só se concederá por dois meses, prorrogáveis até seis com parecer favorável do Chefe do Centro de Saúde, da respectiva circunscrição sanitária.

Findos os seis meses o interessado poderá obter a inspeção em seu próprio domicílio, por médico oficial, se não puder ir à mais próxima dependência da Saúde Pública. Neste caso terá direito às despesas de transporte e de permanência por três dias se o laudo for positivo. Não havendo nem médico nem farmacêutico o professor poderá obter um mês de licença mediante a declaração de uma das referidas autoridades.

Quando o pedido de licença é motivado por tuberculose ativa, alienação mental, neoplasia maligna, cegueira, lepra ou paralisia, a licença dá direito ao vencimento integral desde que a inspeção seja feita por médico especialista da Saúde Pública ou por médico por ela designado.

Se a inspeção é procedida pela forma comum, a remuneração é conforme com a regra geral. Mas desde que seja confirmada pelo laudo especial, o licenciado tem direito à diferença do que recebeu a menos. Para retornar à atividade, finda a licença, faz-se mister, em todos os casos, um atestado que prove estar o interessado em condições de o fazer. Não se trata de formalidade inútil. É natural precaução que tanto consulta o interesse público como o de funcionário.

Este atestado é apresentado ao diretor do estabelecimento ou ao inspetor escolar se se tratar de professor de escola isolada. A inspeção médica não depende de guia da Secretária. No caso de acidente no trabalho a licença dá direito ao vencimento integral, até seis meses.

Para isso é necessária, além do laudo médico, a prova circunstancial do fato, isto é, a declaração autenticada, subscrita pelas testemunhas.



CLUBE AGRÍCOLA "DR. ALVARO CARDOSO", DO GRUPO ESCOLAR DE CONQUISTA



GRUPO ESCOLAR DE CONQUISTA. - A HORA DA SÔPA NA "CANTINA"

Por motivo de gestação, a licença dá direito ao vencimento integral de três meses que são considerados de efetivo exercício. Ainda hoje é regulada pela lei n.º 180, de novembro de 1936.

Estabelece que o período de licença deve abranger os dois últimos meses de gestação e o mês do puerpério.

Sempre que possível, pois, o requerimento deve ser encaminhado no oitavo mês, exigindo, ainda, a referida lei, que, voltando ao exercício do cargo, se remeta à Secretaria um documento que prove a data do nascimento do filho. Se, por intercorrência de estados patológicos na gestação ou puerpério for necessária a prorrogação da licença, esta será concedida como no caso geral de tratamento de saúde.

*

A licença para tratamento de saúde em pessoa da família e que viva à expensa do interessado, não dá direito a vencimento.

Essa pessoa é uma das mencionadas pelo art. 259, do Estatuto: filhas, enteadas, sobrinhas, irmãs solteiras ou viúvas; filhos, enteados, sobrinhos e irmãos menores e incapazes; pais netos e avós.

*

A licença requerida quando o espóso, sem o haver pedido, é mandado trabalhar em outro ponto do Estado ou do País, concede-se mediante prova do alegado: declaração da autoridade a que estiver subordinado o funcionário. O mesmo acontece no caso de serviço militar.

*

O pedido de licença para tratamento de interesses particulares é feito em requerimento visado pelo superior hierárquico.

A sua concessão que é livre à autoridade competente, deve ser aguardada em exercício do cargo, salvo casos especiais, naturalmente atendíveis.

Exige que o funcionário seja efetivo e tenha, pelo menos, dois anos de exercício. Esgotado o prazo de dois anos

é forçosa a volta ao exercício do cargo. Não o fazendo até trinta dias depois, o funcionário é submetido a processo para prova de abandono do cargo cuja pena é a demissão. Admite-se também, e nisso vai uma controvérsia, que os casos objetivos se encarregam de resolver, que essa licença não tem limite exatamente estabelecido.

No caso de licença para tratamento de saúde o funcionário doente interrompe as funções do cargo, cogita de regularizar a situação mediante a inspeção médica e requer a licença cujo início é a data a partir da qual deixou de exercer as referidas funções. Admite-se, com razão, que se possam gozar, seguidamente, isto é, sem solução de continuidade, dois anos de licença para tratar de interesses particulares e dois anos para tratamento de saúde, sem que entre os dois períodos haja o lapso mínimo de um ano.

O certo é que esse intervalo influi na remuneração da licença. Um exemplo objetivo esclarece o caso: se o professor obteve dois meses de licença para tratamento de saúde que compreenda os meses de julho e agosto, nos quais teve o vencimento integral, se requerer nova licença em maio e junho do ano seguinte terá, nos mesmos, a metade de vencimento. Assim não seria se essa licença começasse em setembro.

Esgotado o período máximo de licença para tratamento de saúde não se exigiria a volta às funções do cargo se o funcionário continua impossibilitado de exercê-lo. Para isso há, preliminarmente, o recurso do afastamento. Este ser-lhe-á concedido até que seja decretada a aposentadoria. Se impossível a inspeção por médicos oficiais o afastamento se fará por três meses, tempo durante o qual a Administração promoverá a inspeção por médicos de Saúde Pública.

*

A aposentadoria dá direito ao vencimento integral quando resulta de acidente ou agressão não provocada no exercício do cargo, doença profissional ou de qualquer uma das moléstias já referidas.

Nesses casos é indiferente o tempo de serviço prestado.

A aposentadoria-prêmio ocorre com 35 anos de serviço.

A aposentadoria compulsória, quando se atingem os setenta anos de idade e com vencimento integral se o funcionário tem trinta anos de serviço. Com esse tempo, a aposentadoria decorrente mesmo de outras moléstias, que não as mencionadas, dá direito também ao vencimento integral porque obedece ao princípio da proporcionalidade de tempo. De fato, essa é estabelecida na razão de um dia por ano de serviço.

Exemplifiquemos: um diretor de grupo de cidade tem Cr\$ 15.600,00 por ano ou sejam Cr\$ 1.300,00 mensalmente.

Aposentado com 24 anos de serviço terá, anualmente, Cr\$ 15.600,00 dividido por 30 e multiplicado por 24, o que corresponde a Cr\$ 1.248,00 por mês.

O aposentado tem direito ao abono de família até o limite previsto pela legislação vigente. Se contar trinta anos de serviço ser-lhe-ão abonados também e incorporados ao seu vencimento, os adicionais de 10 %.

*

Para a aposentadoria como para todos os demais efeitos a apuração do tempo de serviço é feito em dias.

Para a aposentadoria o número de dias será convertido em número de anos de 365 dias e se o funcionário tiver mais da metade desse número de dias far-se-á o arredondamento de um ano. Para esse fim não se descontam: férias, oito dias por motivo de casamento, de luto, serviço militar, júri e outros serviços obrigatórios, função legislativa, licença por acidente, descanso profissional, gestação, etc.

*

O assunto continuará, caro professor, abrangendo outras questões administrativas que lhe dizem respeito. Se quiser, poderá sugerir à "Revista do Ensino" determinadas questões, para cujo esclarecimento possamos, com esforço e boa vontade, ensaiar a tentativa de um esclarecimento.

RAUL DE ALMEIDA COSTA

Atividades de um Clube Agrícola

RUTH BAHLA

Apresentando este pequeno trabalho sobre as atividades desenvolvidas pelo Clube Agrícola do Grupo Escolar "Flávio dos Santos", é minha intenção mostrar o grande desenvolvimento do Clube nestes últimos tempos e, principalmente, focalizar as suas realizações por ocasião dos festejos comemorativos da entrada da primavera.

Esta atividade, em tão boa hora incluída nos programas escolares, traz consigo valores inestimáveis, como treino que é para a vida, oferecendo a todos "oportunities de proceder organicamente", como diz Ferrière, desenvolvendo e incentivando vocações, implantando nos corações infantis o amor à terra.

O Grupo Escolar "Flávio dos Santos" criou, há cerca de cinco anos, o seu Clube Agrícola, o qual cresce dia a dia, assim como cresce cada vez mais o interesse das professoras e dos alunos pelos trabalhos e atividades do mesmo.

O Clube conta com uma boa área de terreno, cultivada carinhosamente, pelos sócios, que têm, por chefe de serviço, o Sr. José Xavier, porteiro do Grupo.

O interesse em cultivar o solo aumenta extraordinariamente entre as crianças, que já desejam não só cuidar das plantas do Grupo, como, também, das de suas próprias casas.

Há crianças que têm em casa os seus canteiros muito bem cuidados, cujas verduras elas vendem, obtendo, assim, o dinheiro com que comprar o material escolar de que necessitam.

As atividades do Clube, como é natural, são variadíssimas, e não nos é possível enumerá-las todas.

Possui o mesmo um jornalzinho, bi-mestral, intitulado "O Agricultor", em que é registrada a vida do Clube e de seus sócios.

Várias cartas são escritas e publicadas no jornalzinho, noticiando, informando, como as que se seguem:

"Queridos colegas:

Conto-lhes que o Clube Agrícola "João Pinheiro" recebe, mensalmente, vários livros e a encantadora revista "Nossa Terra", enviados pelos encarregados do Serviço Agrícola do Rio de Janeiro.

Os livros são ótimos, e a revista, interessantíssima, pois traz lindas gravuras de várias cousas do nosso País.

Assim, a Biblioteca do Clube está se enriquecendo com bons e proveitosos livros."

(a) I. N. G.

Outro trabalho:

"Caros colegas:

O Clube Agrícola "João Pinheiro" tem o prazer de comunicar aos distintos colegas que, no dia 21 de julho, recebeu do Departamento de Agricultura do Rio de Janeiro, os seguintes livros: "Pá, Pé e Papão", "A terra abençoada", "Nossa Terra", "Nossas Florestas" e "Nossas Riquezas".

Além destes, há, na Biblioteca do Clube, outros livros e gravuras que servirão para o estudo de Ciências ou leituras de informações dos nossos companheiros.

Assim, vocês poderão conhecer tais livros, visitando a sala do 4.º ano, de D.ª Felícia Vieira."

(a) *Efigênia.*

As crianças mantêm intercâmbio com o Serviço de Informações Agrícolas do Rio de Janeiro e com o Clube Agrícola das "Escolas Reunidas", de Cachoeira do Campo, que

lem por Diretora uma ex-professora do nosso Grupo, D.^a Ester Seabra, grande entusiasta do ensino agrícola nas escolas primárias.

São cultivadas, também, plantas ornamentais, tendo cada aluno-sócio uma plantinha, na própria sala de aula, da qual cuida diariamente.

Também as roseiras do jardim do Grupo são tratadas por eles, com carinho e entusiasmo.

Os membros do Clube são eleitos anualmente, por votação, geralmente, no início do ano letivo. O trabalho é dividido em turmas, oferecendo oportunidade a que as crianças aprendam, por experiência própria, o valor da divisão do tempo; dando aos chefes e condutores o senso de responsabilidade e contribuindo para a formação da personalidade dos educandos, que aprendem a ser disciplinados e livres dentro da ordem.

Os sócios do Clube deste ano começaram a trabalhar com muito entusiasmo e, nos primeiros dias de março, fizeram a colheita de batatas doces, que pesaram oito quilos, destacando-se duas bem grandes, sendo uma delas oferecida à Diretora e as restantes destinadas à sopa escolar.

Esta colheita originou diversos trabalhos, como: jornal, composições, cartas ao Dr. Itagiba Barçante, encarregado do Serviço Agrícola do Rio de Janeiro, e a um colega, que no dia faltara à aula, comunicando-lhe a colheita dos tubérculos e descrevendo-os.

Foram resolvidos problemas em classe como os que se seguem:

"O Clube Agrícola colheu ontem várias batatas: duas maiores e outras menores. Uma delas pesou um quilo e 700 gramas, a outra, um quilo e 400 gramas, e as menores, juntas, 4 quilos e 900 gramas. Quanto pesaram, ao todo?

A batata maior foi oferecida a D.^a Odete, e as outras foram para a sopa do Grupo. Quantos quilos de batata foram para a cozinha?

Se estas batatas fossem vendidas a Cr\$ 0,80 o quilo e com o dinheiro se comprasse um armarinho de Cr\$ 15,00, para a

exposição dos produtos do Clube, sobraria dinheiro ou faltaria? Quanto?

O Clube fez, também, experiências, como: o plantio de amendoim, com e sem casca. O primeiro nasceu em pouco tempo e não se perdeu nenhuma cova; o segundo demorou muito a germinar e nasceram poucos pés.

Também o ensino da linguagem foi beneficiado. Inúmeras oportunidades surgiram para conversação, palestras, perguntas, explicações, tudo motivado pela observação das plantas em suas diferentes fases, desde a germinação ao completo desenvolvimento; disposição das folhas, necessidades de adubação, transplantação das mudas, etc.

Em 20 de agosto último, fez-se uma boa colheita de tomates, da qual foi enviado um quilo e meio para o Rio de Janeiro ao Serviço de Informações Agrícolas.

A entrada da primavera foi festivamente comemorada com um bonito auditório, do qual constou uma feira-livre dos produtos da horta, cuja renda foi de Cr\$ 76,70. Dessa renda, Cr\$ 30,00 foram destinados à compra de um regador, sendo a quantia restante depositada em caixa para atender às necessidades do Clube, cujo controle monetário é feito pela Secretária.

Esta atividade, que constitui uma inovação nos nossos meios escolares, foi muito apreciada, não só pelo corpo docente, como, também, pelos pais das crianças, que tiveram oportunidade de apreciar de perto o trabalho feito por elas, participando do seu entusiasmo e alegria.

A instalação da feira obedeceu a um programa bem organizado, com uma bem orientada propaganda, feita semanas antes pelos membros do Clube, por meio de cartazes nas paredes principais do Grupo, comunicando aos colegas de outras classes o dia e hora do início dos trabalhos, bem como os preços dos produtos a serem vendidos.

Foram colocadas mesinhas no pátio central do Grupo, ornamentadas pelas crianças, onde foram expostos à venda os legumes, frutas, flores e hortaliças, sendo cada mesa presidida por dois membros do Clube, encarregados de atender aos

compradores. Cartões feitos por eles marcavam os preços de cada produto, facilitando a escolha aos compradores.

Em tudo havia ordem, disciplina, boa vontade e uma eficiente cooperação se estabeleceu, na ânsia de agradar e bem servir.

Também constou do programa uma aula prática de Ciências Naturais, durante a qual matou-se uma galinha, de que se fez farofa, sendo a mesma vendida na feira-livre.

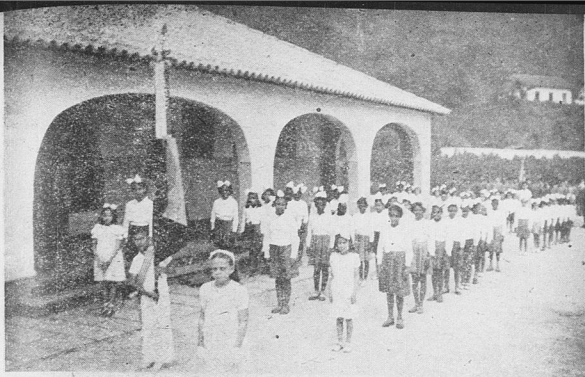
Finalizando o auditório, procedeu-se a um concurso de latinhas de plantas ornamentais, cultivadas em classe, cujo julgamento foi feito por uma comissão de professoras, com distribuição de prêmios aos primeiros classificados.

Como se pode ver, através deste pequeno relatório, os resultados colhidos foram os mais auspiciosos e o interesse despertado foi tão grande, que já se cogita de instalar-se, no ano próximo vindouro, uma feira permanente com os produtos da horta, intensificando-se, assim, cada vez mais a prática de uma atividade cheia de proveito para o ensino.

Talvez, para muitos mal informados, a realização deste trabalho esteja implicando desperdício de tempo ou coisa parecida. Mas, respondamos a estes, com as palavras idealistas de Angelo Patri: "Transformemos a escola, de tal modo que o dogmatismo da disciplina imposta do alto, seja substituído, dando lugar a uma disciplina verdadeira, espontânea, resultado de um trabalho feito gostosamente, com pleno conhecimento de sua finalidade e aproveitamento integral das forças e reservas de cada um."

A dedicação das crianças pelas plantas por elas cuidadas, a alegria, o entusiasmo, a consciência do próprio valor, são outros tantos fatores que recomendam a disciplina liberal, nascida através de um trabalho atraente, metódico e proveitoso.

E, felizmente, são hoje poucos os que não compreendem o nosso idealismo, o nosso firme propósito de construir, orientando a infância de nossa terra "rumo aos campos", para que o cognome de "Brasil celeiro do mundo", não seja desmentido.



ESCOLAS REUNIDAS DE ESPERANÇA -
ASPECTOS DAS COMEMORAÇÕES DE 7 DE
SETEMBRO



Compete a nós, professoras primárias, lançar a primeira semente, elevando e estimulando pelo exemplo, o trabalho arduo e dignificador do nosso homem do campo, ensinando as novas gerações a amá-lo e a respeitá-lo.

Ensinemos à criança a amar a terra que lhe dá o sustento e a tirar dela o ouro que a fará independente e respeitada.

Caminheemos com a criança, de mãos dadas, guiando-lhe os passos incertos rumo a um ideal de vida elevado e são, fazendo-a amar o trabalho como uma oração concreta, que sobe do altar da Pátria para o coração de Deus."

RUTH BAHIA

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Livros:

- ◆ Primários
- ◆ Secundários
- ◆ Comerciais
- ◆ Medicina
- ◆ Direito
- ◆ Engenharia
- ◆ Agricultura
- ◆ Literatura
- ◆ Infantis
- ◆ Brinquedos
- ◆ Certames

CATÁLOGO «EDIÇÕES MELHORAMENTOS» — Desejando receber um catálogo completo, com ilustrações primorosas, contendo lista de preços dos álbuns infantis, certames educativos e brinquedos, livros didáticos e material escolar, histórias de animais e livros de aventuras infantis, literatura e obras para o lar, preencha o cupão abaixo e envie-o ao «Departamento Representações Rex» — Caixa Postal, 601 — Belo Horizonte.

Nome

Rua

Cidade

Município

Estado

NOTA — Os Grupos Escolares, Escolas Municipais e Rurais, professoras primárias gozam do desconto de 20% no preço dos livros!

DEPARTAMENTO REPRESENTAÇÕES REX

Depositiário e Distribuidor das
«EDIÇÕES MELHORAMENTOS»

Loja própria: RUA DA BAHIA 504-TELEFONE 2-4590-CAIXA POSTAL, 601
BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

Uma aula de Geografia na Escola Rural

TABAJARA PEDROSO

Os alunos não se acham diante dos mapas, nem estão lendo os compêndios escolares. Apenas uma excursão, isto é, uma lição de geografia estudada no seu livro real — a natureza. Ensino direto e intuitivo. Melhor para a inteligência, porque exige mais atenção e raciocínio e aperfeiçoa a memória visual; mais eficiente para a orientação e experiência vocacionais, porque desenvolve o hábito de observação; melhor ainda para o futuro econômico da região, pois inicia o homem do campo, em tempo oportuno, num trabalho de cooperação que êle, desconfiado por índole, jamais praticará

A história de um rio, sua origem, curso, débito, regime, benefícios e malefícios, é o tema escolhido para aquele sábado — dia reservado para as aulas de ciências e geografia, visto que os alunos dispõem de uma tarde inteira. O professor, já de combinação, havia feito antes um projeto. Os alunos tinham indicado as nascentes mais próximas e os caminhos mais curtos.

Encontram-se todos, mestre e discípulos, na encruzilhada do carregador central do café com a estrada que toma pela segunda porteira da invernada. São dez horas. Levam matula. Enveredam pela picada no mato e atingem o espigão. Descem pela vertente oposta. Logo ali estão duas nascentes. A primeira é um grosso olho d'água que brota do barranco. A segunda, uma camada ampla de água muito clara, um pouco tépida, que salta na frincha de uma rocha. O professor, assim, "in loco", começa a explicação.

A primeira fonte é de simples infiltração. As águas das chuvas infiltram-se pelas areias da montanha e chegam a uma camada inferior de argila. Esta é impermeável. Forma-se então o lençol de água que não só dá origem àquela fonte, como também pode alimentar qualquer poço, mesmo na montanha. A outra fonte, a da rocha, é de sifão. Por meio de um desenho na areia ou no papel, o professor esclarece o funcionamento da fonte. Por ser mais profunda, a água tem a temperatura acima do normal, ou melhor, constante. É que a terra é cada vez mais quente por baixo. Mas não há fogo lá, porque o peso das camadas de terra comprimem os lugares mais quentes, impedindo a expansão dos corpos.

O professor ainda fala sobre a água potável. Expõe os perigos da água salobra e promete explicar depois as doenças a que se expõe o homem, bebendo águas infectas e quais os meios de se evitarem e combaterem essas moléstias.

Descem depois pelo córrego. Um aluno quer saber por que as águas descem. Por que elas não sobem? Outro se encarrega de responder. Há uma força que atrai os corpos para baixo. É a gravidade. Ainda outro aluno quer saber para onde vai toda aquela água. Onde ela vai parar, juntamente com as dos outros córregos e dos rios? É muita água, comenta ele! E o professor explica a formação dos mares. E depois? pergunta o mesmo menino. Depois, a água se evapora, vêm as nuvens, os ventos, as chuvas e de novo as fontes. Convém não esquecer que os rapazes puseram nomes nas duas nascentes, bem como pretendem registrar as denominações que irão dar a todos os acidentes geográficos que estudarem.

Mais adiante há um grotão. A água, após rolar pelos seixos, murmurando sempre, vai escachoar-se com vários saltos e cachoeirinhas até espalhar-se na várzea onde o córrego deposita o seu tributo líquido no ribeirão. A impetuosidade da corrente sugere novas observações e ensinamentos. A força da água, por exemplo. Todos eles conhecem o moinho, o moinho e a roda-de-água que toca o ralo de fazer farinha de mandioca. Mas não conhecem a usina. Ficam sabendo que a

água aciona o dínamo que gera a corrente elétrica. Isso é, porém, difícil de se explicar agora. Haverá outro ensejo melhor, apesar do interesse que o fato provoca naqueles estudantes rústicos, mas esforçados. São também inteligências que se enforam para as grandes conquistas das ciências e do trabalho. Todavia, o professor não deixa de dizer algo sobre a força hidráulica. As grandes fábricas, as usinas e as aplicações da eletricidade.

Na confluência do córrego, que é um afluente, com o ribeirão, que é quase um rio, existe uma bela e confortável sombra. Resolvem os excursionistas manducar naquele aprazível recanto. Uns trouxeram almoço completo. Outros, frutas, café e broas de milho. E não falta o saboroso ingá, tão doce e espontâneo, pois, a poucos passos, os galhos de um grande ingazeiro curvam-se ao peso de uma carga descomunal de frutos. Durante o almoço, a conversa é livre. Fala-se de caça, de futebol, de passeios e até dos namoros incipientes de alguns deles.

A segunda parte da lição é mais interessante. Estuda-se agora um fator geográfico mais volumoso. O ribeirão é amplo. Uma floresta ciliar o acompanha em ambas as margens. O professor explica a formação do rio. Como cava o seu leito. Cita outros exemplos. Fala até num rio Colorado que cavou um leito tão profundo, que as margens elevadas davam a impressão de mesas muito grandes e muito altas.

O ribeirão apresenta alguns meandros. A erosão é descrita pelo desgaste da margem externa da curva. A aluvião, por sua vez, compreende-se logo pela acumulação de detritos na margem interna. E essas curvas que constituem os meandros, vão-se intensificando à medida que o ribeirão trabalha. É assim que o rio vai ficando velho. Conhece-se a sua idade pelo número de curvas. Quanto mais sinuoso, mais velho ele é.

Outros assuntos são debatidos. O talvegue, a velocidade da corrente e a navegabilidade. Um y canoazinha dá motivo para se explanar a idéia de navegação. Virão depois, oportunamente, figuras de navios, realçando-se o papel predominante dos grandes rios na história da civilização e na econo-

mia geral das nações. Alguns alunos já viram um navio. Dois deles vieram há pouco da Itália e um terceiro é português.

Notam os alunos os sinais da última enchente em muitos pontos marginais. As águas, que subiram uns três metros, alagaram toda a várzea lateral, deixando depois um lodo. É o melhor terreno para se plantar o arroz. As vezes, porém, quando a enchente é muito rápida, a plantação fica arrasada. Grande então o prejuízo. E o professor mostra os processos de se evitar que a inundação faça estragos. Os diques, os drenos, as estivas. Narra as vantagens da irrigação.

Outro malefício das enchentes está na água estagnada, que sobrevem à enchente. Torna-se um foco de febres. Mais um assunto para uma aula de ciências.

E a lição termina com a retomada do caminho de casa. Os resultados serão excelentes. Mas o professor, capacitado para aulas desse gênero, precisa, antes de mais nada, ser um ruralista. Um ruralista convicto, dedicado e completo. Além de um curso normal, deve frequentar uma escola agrícola ou, pelo menos, fazer estágio em fazenda apropriada. E tudo isso é muito simples.

TABAJARA PEDROSO

Livros primários das Edições Melhoramentos

DEPARTAMENTO REPRESENTAÇÕES REX

DEPOSITÁRIO E DISTRIBUIDOR

1.º ANO	CARTILHAS	Cr \$
Renato S. Fleury . . .	NA ROÇA — Cartilha	2,50
Laurenço Filho . . .	CARTILHA DO POVO	2,50
M. de Oliveira . . .	ENSINO RÁPIDO DA LEITURA	3,00
M. de Oliveira . . .	NOVA CARTILHA ANALÍTICO-SINTÉTICA	5,00
Clari G. Rocha . . .	CARTILHA DAS CRIANÇAS	5,00
A. F. de Proença . .	CARTILHA PROENÇA	5,00
Renato S. Fleury . . .	BRINCAR DE LER (P/curso pré-primário)	8,00
	PRIMEIRAS LEITURAS	
Renato S. Fleury . . .	NA ROÇA 1.ª leituras	2,50
Deodato Morais . . .	VIDA HIGIÊNICA	4,00
A. F. de Proença . . .	LEITURA DO PRINCIPIANTE	6,00
Erasmô Braga	LEITURA I (intermediária)	5,50
Renato S. Fleury . . .	SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA — Leitura I	6,00
Laurenço Filho	APRENDA POR SI! Série A	7,00
	2.º ANO	
Renato S. Fleury . . .	NA ROÇA 2.ª leituras	2,50
A. F. de Proença . . .	1.º LIVRO DE LEITURA	6,50
Erasmô Braga	LEITURA II	7,00
Renato S. Fleury . . .	SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA, Leitura II	6,50
G. A. Buchler	ARITMÉTICA ELEMENTAR, Livro I	4,00
Laurenço Filho	APRENDA POR SI! Série B	7,00
	3.º ANO	
Renato S. Fleury . . .	NA ROÇA 3.ª leituras	2,50
A. F. de Proença . . .	2.º LIVRO DE LEITURA	7,00
Assis Cintra	ALMA BRASILEIRA	4,00
Erasmô Braga	LEITURA III	6,00
Renato S. Fleury . . .	SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA, Leitura III	7,50
	4.º ANO	
A. F. de Proença . . .	3.º LIVRO DE LEITURA	9,00
Erasmô Braga	LEITURA IV	9,50
Renato S. Fleury . . .	SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA, Leitura IV	8,00
Mário Sette	BRASIL, MINHA TERRA!	10,00
Renato S. Fleury . . .	CALCULO ESCOLAR	10,00
Guimaraes Rinaldi . .	A MAMAEZINHA	10,00

PEDIDOS AO

DEPARTAMENTO REPRESENTAÇÕES REX

Depositário e Distribuidor das

“EDIÇÕES MELHORAMENTOS”

Loja Própria: RUA DA BAHIA, 564 — TELEFONE, 2-4590 — CAIXA POSTAL, 601
BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

NOTA — Os Grupos Escolares, Escolas Municipais e Distritais, Professoras Primárias e alunos pobres, gozam do desconto de 20% no preço dos livros “Edições Melhoramentos”!

Inquérito sôbre as qualidades do professor (1)

EVERARDO BACKHEUSER
Da Faculdade Católica de Filosofia

Entendido o exercício do magistério no duplo aspecto de quem ensina e de quem educa, e, de certo modo, no terceiro, de quem admistra, que predicados devem ser pedidos a alguém para exercer com eficiência a função de professor?

Fazê-lo de modo geral não custa, mas para fixá-los com precisão a resposta não é fácil. Basta examinar os muitos tratados de pedagogia. Há umas tantas qualidades que aparecem uniformemente em tôdas as penas, mas outras existem que variam de um para outro livro.

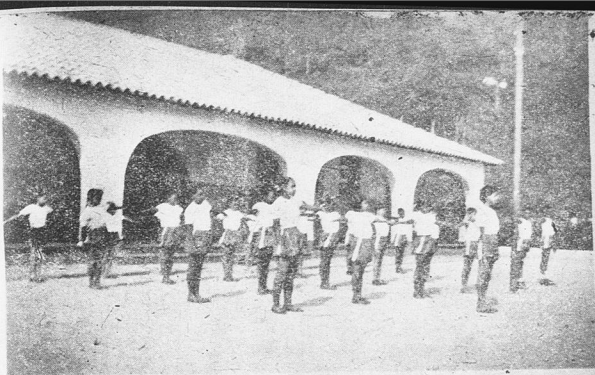
E a quantidade de predicados apresentada, principalmente nos compêndios e monografias norte-americanas, é às vèzes de assombrar. Charters and Waples (2) enumeraram 1001 qualidades e deveres, dos quais 122 se referem à função de ensinar e 879 a funções educacionais e administrativas sem direto contáto com o ensino. Inquérito realizado em 1931 (3) entre 1002 professôres secundários — e que é interessantíssimo — aponta nada menos de 1513 tópicos diversos sôbre os ornamentos do bom professor, do "excellent teacher", como o autor do volume prefere qualificar.

Na impossibilidade de reproduzir, discutindo-as, tôdas as classificações que tivemos ao alcance da mão — empreendi-

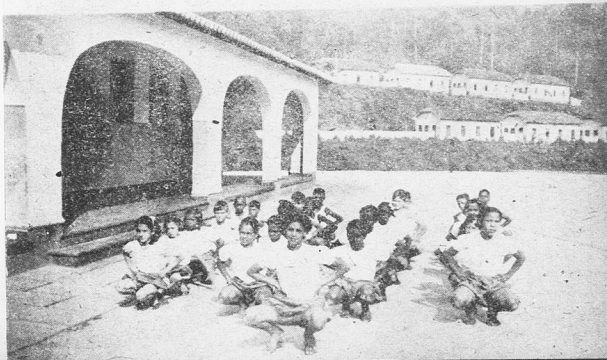
(1) O presente trabalho constitui matéria de um dos capítulos de um livro em preparo.

(2) Charters and Douglas Waples, *The Commonwealth Teacher, Training Studies*, Chicago, 1929.

(3) *The Excellent Teacher, A book by teachers, for teachers, about teachers*, 1931.



*Escolas reunidas de Esperança.
Aspectos de aulas de ginástica. —*



mento cujo desenvolvimento escaparia ao modesto quadro dêste trabalho — preferimos tomar, quase ao acaso, uma delas e focalizá-la em rápido exame. Da por nós escolhida para tal fim consta resumido rol de requisitos, dez apenas, rol que seguramente ficou assim condensado após demorado exame e madura reflexão.

Os predicados constantes dessa lista são: 1) Sociabilidade; 2) Capacidade de afeição em geral, e, em particular, amor à criança; 3) Boa aparência pessoal (dom de simpatia); 4) Afabilidade; 5) Aptidão técnica; 6) Personalidade sugestiva; 7) Capacidade de trabalho e de execução; 8) Condições de decisão e de liderança; 9) Generosidade; 10) Discernimento rápido.

Essas dez qualidades do professor, escolhida a lista (repitamos) entre as muitas que constam de tratados estrangeiros de pedagogia, podem ainda sofrer nova contração para enquadrá-las dentro de duas das estruturas da teoria de SPRANGER (4), pois que de fato se amoldam às características do homo socialis e do homo dux (líder) da nomenclatura do psicólogo germânico. Mas como o "homem-líder" é em essência um "social", embora em modalidade especial, pode-se dizer que dos dez requisitos acima, ficam, afinal, todos (excepto o quinto) dentro de uma única estrutura psicológica: a de líder.

Parecerá, ao primeiro exame, que o professor, sendo, sob vários pontos de vista, entidade de cota superior ao nível dos alunos, não pode ser um representante do grupo social "alunato", um "líder dos alunos", pois que líder é "aquele que comanda e orienta o seu grupo e com êle sente" e o "seu" grupo, o grupo do professor, não é o dos discentes. Mas, considerada a questão no rumo da pedagogia moderna, o professor é de fato um líder. O professor que não se identifica com o sentir e querer dos discípulos, que não vibra com

(4) Para detalhes da "teoria estruturalista", ver Everardo Backheuser, "Ensaios de Biotipologia Educacional" e "Manual de Pedagogia Moderna", bem como no original Spranger, *Lebensformen*, e o resumo de Klug, *Die Tiefen der Seele*.

êles em seus anseios e aspirações, será um provedor de conhecimentos, não será um educador, *latu sensu*.

A qualidade de líder não exclui, senão acrisola, as características do homo socialis, das quais uma das mais típicas é a caridade, o verdadeiro amor ao próximo, nas incoercíveis manifestações não só de apêgo e afeição ao seu semelhante, como no desejo de "elear" (5), por novos conhecimentos e melhoria de situação individual, os jovens que o cercam.

Não querendo, porém, levar ao extremo a condensação das qualidades para resumir nove delas em um único item estruturalista, poderíamos todavia fazer três chaves, duas a serem encaixadas na doutrina de SPRANGER e a terceira, aliás de um único item, contendo indicação de ordem técnica.

Os itens: de sociabilidade (1), de capacidade de afeição (2), de simpatia (3), de afabilidade (4), de generosidade (9) seriam índices da estrutura social propriamente dita. O de personalidade sugestiva (6), de capacidade de trabalho e execução (7), de decisão e liderança (8) e de discernimento rápido (10) indicam tipicamente o líder. O item de habilidade técnica (5) refere-se diretamente à tarefa de ensinar.

A redução a três chaves, ou mesmo a dez itens, das qualidades do professor talvez seja exagerada, porque deixa fora do quadro representativo muitas outras que a própria doutrina estruturalista indubitavelmente formula e nós mesmos já apresentamos algures. De fato, o bom precisa possuir o senso da pesquisa ou curiosidade (estrutura científica), o do belo na formação da personalidade do aluno (estrutura estética), o da modéstia e simplicidade (estrutura religiosa), o do método (estrutura econômica). Pode-se alegar que, assinalando apenas as qualidades sociais e de liderança, estão indicadas "as principais" sem todavia dispensar as outras. É verdade. Arrolar todas as qualidades do professor é quase impossível, e leva ao exagêro, acima aludido, de organizar listas com mais de milhares de qualidades, o que redundam em

(5) Lembremo-nos sempre de que "elear" (élevêr) quer dizer "educar".

confusão de outra ordem. Mesmo que se agrupem êsses milhares de qualidades, com método o critério científico, em algumas grandes chaves, ainda assim as listas ficam sempre muito pesadas de itens.

Em face dessa dificuldade de catalogar tôdas as qualidades, os tratadistas, em regra, cortam o nó górdio organizando cada um dêles o rol mais de acôrdo com as suas teorias ou com as suas próprias observações pessoais, e apresentando-o na forma que lhes parece mais acessível ao leitor.

Em casos tais, os autores se valem de leituras, de informações, do que conhecem de pedagogia, do que êles mesmos observaram em si, em seus mestres, em colegas. Mais ou menos a mesma coisa feria qualquer pessoa, fora dos quadros técnicos do professorado, se lhes perguntassem quais seriam no seu entender, as qualidades de um bom professor. Têm êsse fundamento os inquéritos sociais de que são tão férteis os norte-americanos, levados, pela prática eleitoral, a querer resolver tudo "por maioria de votos".

Muito melhor que "por maioria de votos" (afinal apenas uma soma de opiniões sem grande autoridade) as questões técnicas são, sem dúvida, melhor solucionadas por "medidas objetivas". A medida objetiva é imparcial e científica. Mas nem sempre pode ser utilizada. Dificuldades práticas cercam seu uso. Este caso de que nos estamos ocupando é um dêles. O recurso é, portanto, o inquérito.

Ora, para ser valioso o inquérito precisa ser endereçado a copiosa coleção de pessoas, ou, na falta do número, a elementos bastantes significativos. Ao primeiro relance parece que os mais idôneos a depor são os profissionais do ensino, que já foram alunos e agora enfrentam as dificuldades teóricas e práticas de educação. Têm, por dever de ofício, conhecimento das teorias pedagógicas antigas e recentes, e, ao mesmo tempo, a cada passo são colhidos por dificuldades das quais saem aprendendo muita coisa. Tudo isso qualifica os membros do magistério como bons informantes em pesquisas dessa natureza.

Não esqueçamos, porém, que esse grupo social é de certo modo suspeito, pois que julga a si mesmo. É juiz em causa própria. São professores apreciando e "avaliando" professores. Aquilo que "esse grupo" acha convinável talvez não o seja para outros grupos sociais, e a educação não é, afinal de contas, assunto de simples técnica: é fenômeno social que afinge e interessa a toda a sociedade.

Ao ler, por exemplo, o volumoso e de certo modo preciso inquérito apresentado no livro *The excellent Teacher*, inquérito no qual foram ouvidos 1002 professores secundários e primários de diversos Estados da União Norte-Americana, sente-se o "cheiro" dos homens de metier. O substituto da obra proclama com certo orgulho que é um livro "de professores para professores, a respeito de professores", mas, no nosso modo de pensar, é essa legenda que lhe tira o valor de documento social imparcial. Apresentando o problema em uma visão unilateral, como que o está deformando.

*

Refletindo sobre a questão nesses diversos aspectos resolvemos tentar nós mesmos um enquérito sobre o assunto — qualidades do professor — mas em outras bases.

Como o nosso empreendimento, sem caráter e apoio oficiais, não disporia de recursos em operadores e em dinheiro, ficamos impossibilitados de nos dirigir a avultado número de pessoas, ou no dizer dos estatísticos, a um grande universo. Resolvemos então endereçá-lo a um grupo representativo. Esse grupo seria constituído, em parcelas tanto quanto possível iguais de elementos, por indivíduos com evidente aparência de pertencerem às seis estruturas psíquicas fundamentais de SPRANGER (6).

Dentro dessas estruturas, metade dos consultados seria formada de elementos de padrão mais alto e metade de pa-

(6) Como é sabido, essas seis estruturas são: a científica; a estética (ou artística); a econômica; a religiosa; a social e a de liderança (ou política).

drão mais baixo, por exemplo, um comerciante e um operário, para a estrutura econômica; um pintor e um estudante do Instituto de Música, para a estrutura estética; um cientista e um rapaz nos últimos anos de uma das nossas escolas de medicina ou engenharia, para a estrutura científica, e assim por diante.

Mesmo que o projeto do inquérito não conseguisse a farta riqueza das "enquêtes" norte-americanas, apresentaria duas vantagens: 1) ser dirigido à sociedade brasileira, a qual, que nos constasse, jamais houvera sido consultada sobre tão interessante tema, interessante para a pedagogia e para a própria sociedade; 2) alcançar o depoimento de uma amostra estatística bastante esngnificativa, pois formada de componentes seguramente pertencentes a vários níveis sociais e a várias qualificações psicológicas.

*

Para conduzir a bom termo o inquérito dispusemos de excelente corpo de pesquisadores: os alunos de Administração Escolar da Faculdade Católica de Filosofia no ano de 1944. Exposta em classe a proposta — que seria uma das pesquisas pedagógicas daquele ano — recebeu caloroso apoio. E assim, foi realizado. Foi conduzido até o ponto permitido pela angústia do tempo, mas até ao ponto alcançado pode ser considerado plenamente satisfatório, principalmente graças à indiscutível dedicação e capacidade de trabalho do "comité diretor" da pesquisa (7). Cooperou também valiosamente no andamento do inquérito o Revmo. Pe. Helder Câmara, professor de didática do mesmo estabelecimento, já pelos seus conselhos, já por ter despertado, em elementos menos vivos, o indispensável interesse. Ainda estamos longe do resultado final, mas já alcançamos algu-

(7) Esse "comité" ficou constituído pelas alunas Lúcia Maria Muniz Teles (presidente), Heloisa Fortes de Oliveira e Vera Guimarães Santana, a primeira do curso de pedagogia e as duas últimas do curso de didática.

mas apurações provisórias que nos parecem dignas de divulgação, embora sem caráter definitivo.

O inquérito foi projetado na base de alargamentos sucessivos. Deporiam, em primeiro lugar, os próprios alunos das cadeiras de administração escolar e de didática. Nesse primeiro círculo do inquérito, realizado tão somente entre os alunos, foram obtidas 47 respostas. Apuradas estas, que para efeitos de tratamento estatístico-davam universo muito diminuto, foi fácil verificar a necessidade de agrupar, desde logo, as múltiplas respostas em reduzido número de grandes chaves gerais. Enriquecidas mais tarde, com a dilatação subsequente do inquérito a maior número de pessoas, as chaves gerais patentearam, sem demora, o esboço de um belo quadro de "qualidades do professor".

Houve, sem dúvida, dificuldades e um certo empirismo na maneira de proceder à tabulação das várias opiniões. As respostas surgindo, de cada cabeça, espontâneas, sem redação sistematizada, fora de qualquer padrão preestabelecido (e propositalmente não o preestabelecemos para não induzir os inquéritos a esta ou aquela resposta) traduziam, por vezes, pensamentos completos e claros, mais difíceis de enquadrar nas molduras convencionais da tabulação. Esse demorado, cuidadoso e delicado trabalho realizado com dedicação e modéstia pelo pequeno e esforçado comitê diretor do inquérito, teve de ser feito não só para as primeiras quarenta e sete respostas dos alunos, como, depois, para as 205 outras alcançadas no segundo círculo de inquirição.

Para o alargamento do inquérito cada um dos alunos teve de entrevistar certo número de pessoas. No intuito de obviar a dificuldade de bem selecionar o novo grupo, resolvemos, como dito acima, coordenar o inquérito dentro, tanto quanto possível, das seis estruturas de SPRANGER. Se afinássemos com felicidade essa meta, teríamos como que fotografado a sociedade por uns tantos de seus expoentes representativos. Para tal fim, cada aluno entrevistador organizaria uma lista até doze pessoas, em seis grupos de duas a duas (padrão alto e padrão baixo). Os dois componentes de ca-

da grupo deveriam ser presumivelmente a mesma estrutura psíquica. O entrevistador pressuporia essas qualidades psíquicas de acôrdo com o que conhecesse do entrevistado, ou guiando-se pela sua profissão e atividades habituais.

Tivemos dificuldade real de preestabelecer regras para reconhecimento, pelos alunos, das estruturas psíquicas dos seus entrevistados. Preferimos dar alguns exemplos pelos quais se guiassem. Assim, para os de estrutura científica lembramos serem escolhidos homens preocupados em pesquisas. Podiam ser ouvidos elementos das chamadas carreiras liberais, ou não. Tanto homens de nome consagrado, quanto estudantes, desde que amantes desse gênero de trabalho (indagações, inquéritos), esvurmadores de problemas, gostando de descobrir a causa das coisas. Para a estrutura religiosa, pessoas de elevado misticismo, ainda que de religiões acatólicas e até acristãs, nas quais, porém, os sentimentos de bondade e humildade fossem patentes. A coleção de consultados neste setor seria gente de diversas idades, profissões e situações desde que com aquelas determinantes místicas, não apenas aparentes, de exterioridade, mas reais e efetivas. E assim os representantes das demais estruturas psíquicas. Dada a inexperiência dos agentes do inquérito em trabalhos de psicologia diferencial teria havido, na realização prática desses prognósticos, enganos inevitáveis. Conforme foi possível verificar, não foram, porém, esses enganos de grande monta.

Além disso conseguimos dois grupos sociais bem nítidos, um de adolescentes e pessoas escalonadas socialmente em níveis mais modestos (padrão baixo), e outro de pessoas maduras ou socialmente bem aquinhoadas (padrão alto), dois grupos, portanto, também de bastante significação representativa.

Obtivemos nessa segunda etapa 205 respostas. O prosseguimento do inquérito nos dará cifras mais volumosas. Mas com as já obtidas é possível tentar uma primeira apuração, embora a que agora apresentamos não possa ter caráter definitivo. Não queremos, porém perder a oportunidade de

trazer a público resultados tão interessantes como os que se vão ler a seguir. A publicação que ora fazemos tem portanto apenas o valor de uma nota prévia, como nas acadêmicas de ciências.

O inquérito trazia em seu bôjo, obviamente, um segundo objetivo. Verificar se na caracterização das qualidades do professor influíam o tipo estrutural e o nível social. Quanto ao tipo estrutural, teoricamente tudo indicava que sim, principalmente quando se sabe haver uma verdadeira afinação entre a percepção, memorização e inteligência dos fatos e fenômenos na corda de cada estrutura. Indivíduos de estrutura estética (um músico, por exemplo) tem bom "ouvido", isto é, percebe e memoriza com facilidade os sons, interpreta com facilidade trechos musicais (inteligência voltada para esse setor). E assim com as outras estruturas. Era lógico de prever que o indivíduo, no julgamento das qualidades do professor, desse ênfase aqüelles predicados sintonizados com as suas próprias características psíquicas.

A quantidade dos consultados de cada estrutura foi infelizmente pequena, nas cercanias de duas dezenas apenas, o que realmente é pouco para ajuizar dos resultados; mas os apresentados por essas pequenas parcelas surgiram tão interessantes que não nos furtaremos a comentá-los.

Tivemos ainda, no inquérito, a preocupação de ouvir indivíduos de situações sociais muito diversas, acaso antagônicas. Com isso afastamos-lhe o caráter de unilateralidade. As qualidades do professor serão sem dúvida consideradas ótimas, boas ou ruins consoante a situação estrutural e social do julgador. Qualidades sublimadas pelos pais, se-lo-ão menos pelos filhos; postas em destaque pelos proprietários dos colégios, serão acaso insignificantes para um técnico de educação, ou mesmo para os diretores do estabelecimento; olvidadas pelos colegiais, serão consideradas importantes por antigos alunos. E assim por diante.

A riqueza e significação dos inquéritos reflete sempre a variedade policrômica das figuras sociais ouvidas. O nosso inquérito também refletirá esse aspecto.



*Escolas reunidas de Esperança.-
Crianças preparando o terreno para
uma horta.-*



Antes de apresentar os resultados, seja-nos permitida uma última consideração.

Devemos informar que nessa primeira fase do inquérito procuramos sistematicamente não nos dirigir aos professores propriamente ditos, deixando-os para constituírem novo grupo de consulta; grupo que, pela qualidade mesma dos componentes, tem valor significativo diferente dos demais. Houve todavia exceções, para pessoas cujo feitiço estrutural era de contornos tão nítidos que seria pena perdê-los no cômputo que nessa direção se desejava imprimir ao inquérito. Assim sendo, houve, entre as respostas, algumas que possivelmente refletiram o julgamento "teórico" das qualidades do professor isto é, respostas que talvez se deixassem influenciar pela opinião dos tratadistas. As desta classe são, porém, em pequena porção, e não podem alterar substancialmente os objetivos visados.

Embora ignorando os pontos de vista adotados pelos consultados, na redação de suas respostas, podemos imaginar que, por se não tratar de técnicos da especialidade, a maioria se deixasse guiar por critérios pessoais: recordação de um bom ou mau mestre; atributos que reconhecessem favoráveis à educação de seus filhos; predicados que racionalmente (isto é, mais pelo raciocínio que pela observação) parecessem os mais adequados. Uns teriam visto no professor apenas "aquêles que ensina", outro "o que educa", isto é, o severo disciplinador, o rigoroso auxiliar dos pais na correção dos filhos; outros ainda, aquêles que "ensina e educa". Raramente, "o que administra."

Nada disso importava ao inquérito, que visava obter uma "média de opiniões". Por isso mesmo, nenhuma insinuação foi formulada, deixando a todos a mais ampla liberdade de expressar seu pensamento, dentro ou fora dos rigores da técnica.

Também não se restringiu a extensão da resposta. Estes foram lacônicos; aquêles, prolixos. Quais, claros; quais, confusos, acarretando dificuldades na tabulação. O que interessava era exatamente a multiplicidade, a variedade, a

polieromia dos modos de pensar, de modo que a somação de todos os conceitos pudesse conduzir a uma sùmula de qualidades apresentadas como possíveis padrões para aquilatar, no Brasil, das qualidades do professor.

A restritiva no Brasil se nos impunha, pois era ela que dava originalidade e maior interêsse ao inquérito.

Não tratávamos, de fato, de apurar larga e vagamente as qualidades "do professor", mas daquele que no meio social e cultural brasileiro seria qualificado de "hom professor". A sondagem era feita na opinião pública "brasileira" e os resultados apurados traduziriam o escalão para aferir do "professor brasileiro", no largo sentido que em nosso país se dá ao termo, ao mesmo tempo, o "mestre primário", o "docente de grau médio", o "catedrático" das universidades.

RESULTADO DO INQUÉRITO

Com tôdas as restrições que vimos de assinalar nas linhas precedentes, apresentamos, a seguir, os resultados colhidos no inquérito sôbre as qualidades do professor, organizado e levado a cabo pela cadeira de Administração Escolar da Faculdade Católica de Filosofia.

Não são, insistimos mais uma vez em declarar, resultados finais. Quando estes, mais tarde, forem apresentados, tôdas as faces do problema serão devidamente iluminadas.

Dos verdadeiramente incontáveis itens formulados nas diversas respostas foi necessário proceder a uma tabulação de resumo, trabalho que não se mostrou nada fácil. Logo no primeiro esboço uma divisão se impôs, destacando em grupo geral as qualidades físicas. Quanto às outras: intellectuais, espirituais, psicológicas, estruturais, profissionais, sociais, preferimos, nessa primeira tiragem, deixá-las ainda juntas, com o objetivo de permitir ao leitor a impressão de quais predicados pareçam de maior importância à maioria dos inqueridos. Figuram no quadro estatístico englobadamente sob a epígrafe de qualidades psíquicas.

QUADRO DAS QUALIDADES DO PROFESSOR

(Inquerito da cadeira de Administração Escolar da Faculdade Católica de Filosofia, Rio).

QUALIDADES	Total	P. D.	E	R	A	C	L	S	Pa	Pb
A — PSÍQUICAS :										
Solidariedade e adaptação aos alunos	144	21	17	22	21	18	23	22	61	62
Cultura especializada	157	17	10	16	22	23	23	23	68	52
Retidão moral	134	19	18	23	10	25	21	18	69	46
Cultura geral	132	19	15	21	16	22	19	20	60	55
Auto controle	107	13	18	19	12	10	16	19	55	39
Clareza de expressão	96	14	10	8	14	22	19	9	43	39
Justiça	92	10	10	9	8	13	19	14	33	40
Preparo pedagógico	77	11	6	11	8	12	10	19	35	31
Conhecimentos bio-psicológicos	74	10	7	7	17	10	10	13	39	25
Faculdade intelectual desenvolvida	70	10	9	11	7	12	9	12	35	25
Autoridade	64	8	6	5	11	11	15	8	24	32
Ideal educativo elevado	64	7	6	16	11	13	5	6	32	25
Tato	58	9	1	2	9	9	10	18	27	22
Modéstia	49	5	5	12	9	6	6	6	21	23
Capacidade de tornar a aula agradável	46	10	2	4	12	6	8	4	21	15
Senso de responsabilidade	42	4	3	10	1	5	12	7	20	18
Método	41	5	6	7	5	9	4	5	21	15
Personalidade	39	6	4	6	10	3	4	6	15	18
Vocação	25	4	2	3	1	4	3	2	11	11
Pontualidade	25	4	2	3	0	4	6	5	15	6
Energia condescendente	24	4	2	5	7	4	3	3	13	6
Amor ao estudo	22	4	2	3	4	1	2	1	11	9
Espírito religioso	18	2	0	3	1	2	3	3	6	10
Alegria	17	4	2	3	1	4	1	2	3	9
Condescendência	15	5	4	2	1	1	2	0	6	4
Sympatia	13	0	2	3	2	0	0	0	7	6
Espírito de iniciativa	12	0	2	3	3	3	1	1	5	7
Consciência	4	0	0	2	0	0	0	0	1	3
O moral não importa	4	0	0	2	0	0	0	0	1	3
B — FÍSICAS :										
Bom ditição	74	24	3	10	7	13	12	6	28	22
Físico normal	71	28	5	5	4	8	11	10	29	14
Saude	43	12	4	6	5	4	7	6	23	9
Bom Aparência	29	0	2	4	7	6	9	1	14	15
Higiene (asseio)	28	8	3	3	1	4	2	4	10	10
O físico não importa	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3

NOTA — As colunas estão designadas por letras, cuja significação é a seguinte:

P. D. — Alunos do curso de pedagogia e didática da Faculdade Católica de Filosofia; E — Estrutura econômica; R — Religiosa; A — Artística (Estética); C — Científica; L — de Liderança; S — Social; Pa — Padrão alto; Pb — Padrão baixo.

De cada uma das qualidades físicas e psíquicas apresentadas no quadro geral daremos em outro artigo as definições, isto é, enunciaremos, por exemplificação fornecida pelas respostas, a largueza dos respectivos conceitos. Ver-se-á, então, que a amplitude a elas dada aconselharia talvez algumas novas subdivisões. Se as fizéssemos, porém, cairíamos acaso no inconveniente de, multiplicando os itens, tornar no leitor mais penosa a percepção do essencial. Velejando entre êsses escolhos, seguimos derrota que nos parece mais acessível embora menos rigorosa. Tomem-se, portanto, em tal caráter, os itens enumerados.

Verifica-se que dos sufrágios recebidos foi possível organizar um quadro de 33 predicados, dos quais 28 psíquicos e 5 físicos.

Dos 28 psíquicos há um — vocação — bastante vago, e que encerra afinal em si aquilo mesmo que se deseja definir. De fato, quem conseguisse sumariar rigorosamente em um certo número de alíneas, as qualidades do professor teria *ipso facto* caracterizado ao mesmo tempo e com suficiente rigor a vocação do professor, ou, pelo menos, pôsto nas mãos dos técnicos a melhor maneira de reconhecê-los com segurança. Compreendemos, porém, perfeitamente, o que com a palavra vocação desejaram dizer os inqueridos. Por elas entenderam os dotes de propensão para o magistério, de amor a essa profissão, de prazer nos seus árduos trabalhos, mesmo que todos os demais requisitos faltassem ao professor.

Duas outras observações preliminares de ordem geral precisam ser ainda formuladas.

Em primeiro lugar, vêem-se no QUADRO como últimos itens das qualidades físicas e psíquicas duas indicações de feição negativo: "o moral não importa", e "o físico não importa". Se houve pessoas consultadas que nem de leve se referiram a qualidades físicas ou morais, próprio das ditas, pequeno número entendeu todavia acentuar que, no seu ponto de vista, essas qualidades não influem de modo algum para bem qualificar o professor. Precisávamos destacar esse ponto e o fizemos por esse modo.

Em segundo lugar, desejamos fazer notar a quem passar os olhos pelo QUADRO que nêle figuram três qualidades de certo modo antagônicas: "autoridade", "energia condescendente" e "Condescendência". Houve quem entendesse dever o professor ser sobretudo enérgico (autoridade); houve quem propendesse para julgar melhor ser êle normalmente condescendente em relação aos alunos; e houve ainda quem desejasse, em meio termo, energia condescendente. Os que indicaram "energia" (autoridade) foram em número muito maior (64) do que aquêles que opinaram (17) pela "condescendência", e mesmo pela "energia condescendente" (24). Considerando "energia condescendente" como "energia", esta se destaca, no inquérito, em relação à condescendência, na proporção de 88:17. Se preferirmos considerar a alínea "energia condescendente" como equivalente a "condescendência", ainda assim teríamos que a proporção entre energia e condescendência seria de 64:41.

Quer isto dizer que o inquérito apurou, de modo significativo, que o professor deve ser enérgico; quando muito, que deve ter energia condescendente.

*

Passemos agora ao exame das várias colunas.

COLUNA DOS TOTAIS :

Penetrando na análise da coluna dos totais, verifica-se que os requisitos para professor receberam quantidades diferentes de indicações, quer dizer, foram uns achados necessários por grande número de pessoas, outros por pequenas parcelas de preopinantes.

Todos os itens do QUADRO devem sem dúvida ser considerados como qualidades do professor, com exceção, é claro, das restrições anteriormente formuladas quanto à "vocação" e quanto aos "predicados negativos", pois que êstes não conseguiram nem 3 % dos sufrágios, e aquela não é um índice

específico. É evidente que os índices mais sufragados devem ser considerados como os mais importantes.

Tomamos para base da classificação, segundo a importância relativa, a percentagem de sufrágios recebidos em relação ao total (252) de pessoas consultadas. Os quatro grupos propostos seriam assim escalonados no sentido da importância crescente:

1) qualidades convenientes ao professor, as que receberam menos de 15 % de sufrágios, ou seja, até 37,8: pontualidade, energia condescendente, amor ao estudo, espírito religioso, alegria, simpatia, espírito de iniciativa, concisão, boa aparência, higiene (asseio), ao todo 10, pois, como anotado acima, a condição "condescendência" deve ser excluída em face da "energia condescendente", já incluída no mesmo grupo;

2) qualidades precisas, as que tem mais de 15% e menos de 30 % do total de sufragantes, ou seja, 37,8 e 75,6: conhecimentos bio-psicológicos, boa dicção, faculdade intelectual desenvolvida, físico normal, autoridade, ideal educativo elevado, tato, modéstia, capacidade de tornar a aula agradável, saúde, senso de responsabilidade, método, personalidade, ao todo 13;

3) qualidades necessárias com mais de 30 % e menos de 45 % do total de sufragantes, isto é, com sufrágios entre 75,6 e 113,4: autocontrole, clareza de expressão, justiça, preparo pedagógico, ao todo 4;

4) qualidades muito necessárias com mais de 45% do total de pessoas consultadas: espírito de solidariedade e adaptação aos alunos, cultura especializada, retidão moral, cultura geral, ao todo 4. Convém notar que essas quatro qualidades da cabeça da lista receberam, tôdas elas, mais de 50 % dos sufrágios, portanto, em linguagem eleitoral democrática, têm maioria absoluta.

*

A "coluna dos totais" pode ainda sofrer outro reagrupamento.

1) Cinco itens de "qualidades físicas" (todos os apresentados no quadro): boa dicção, físico normal, saúde, boa aparência, higiene (asseio).

2) Nove itens de "qualidades técnicas": preparo pedagógico, clareza de expressão, capacidade de tornar a aula agradável, concisão, boa dicção e mais as seguintes que se refletem diretamente na técnica do magistério: cultura especializada, cultura geral, conhecimentos bio-psicológicos, e, ainda de certo modo, pontualidade.

3) Vários itens de "qualidades estruturais" (8) assim distribuídos:

a) nove de estruturas de liderança: autoridade, autocontrole, espírito de solidariedade e adaptação à classe, justiça, senso de responsabilidade, personalidade, espírito de iniciativa, energia condescendente, e, de certo modo, pontualidade;

b) seis de estrutura social propriamente dita: tato, energia condescendente, alegria, tornar a aula agradável, condescendência, simpatia;

c) seis de estrutura religiosa: retidão moral, justiça, ideal educativo elevado, modéstia, espírito religioso, senso de responsabilidade;

d) cinco de estrutura científica: amor ao estudo, método, inteligência, espírito de iniciativa, clareza de expressão;

e) dois de estrutura estética: personalidade e tornar a aula agradável;

f) um de estrutura econômica: método.

Se em vez de seriar esta classificação pelo número de itens computados em cada uma das subdivisões, o fizermos pela quantidade total dos sufrágios que cada um deles recebeu, a "gradação de importância" se apresentaria sob esta outra forma mais racional:

N. de sufrágios

1 — Características técnicas	673
2 — Características de liderança	552
3 — Características de estrutura religiosa	403

4 — Características físicas	246
5 — Características de estrutura científica . .	243
6 — Características de estrutura social, propriamente ditas (9)	178
7 — Características de estrutura estética . . .	85
8 — Características de estrutura econômica .	41

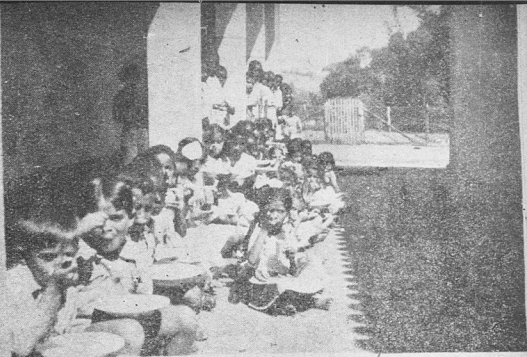
Um resumo dos resultados acima ensinaria uma definição do bom professor. O bom professor é o indivíduo que além de possuir conhecimentos técnicos (qualidades de docente "daquele que ensina") fôr dotado de qualidades muito acentuadas de liderança, bem como de características estruturais nítidas tanto religiosas, quanto científicas e sociais (qualidades "daquele que educa") não lhe faltando também certo número de predicados físicos favoráveis a todo homem.

Eis o que, pelo resultado do inquérito da Faculdade Católica de Filosofia, parece pedir a sociedade carioca para que alguém possa com vantagem exercer o magistério em qualquer dos seus graus.

*

O tabulamento da pesquisa traduz resultados que à primeira vista parecerão inesperados a muitas pessoas fora dos meios técnicos e, até mesmo, a certo número de pedagogos.

A maioria previria numerosas indicações de ordem técnica. Os que estudam pedagogia em livros americanos anteciparam, por certo o resultado obtido quanto ao item de liderança, pois os tratadistas ianques o sublinham de modo enfático nas suas obras. Boa porção de pessoas aceitaria que as sugestões focalizassem o lado físico, pois que a boa saúde, a boa aparência e a boa dição são geralmente consideradas muito convináveis ao professor. Não teria talvez causado surpresa a cifra modesta dos índices sociais, depois da advertência de que muitas dessas características já haviam sido computadas no parágrafo liderança. O fato de serem reduzidos os sufrágios favoráveis à estrutura econô-



ESCOLAS REUNIDAS DE ESPERANÇA—
SÔPA AO AR LIVRE E UM GRUPO DE
FIGURANTES DO TEATRINHO ESCOLAR



mica também seria previsível, por isso que toda gente considera o professor como dotado de abnegação.

O espanto se estamparia, porém, nos rostos ao ver a cifra elevada de sufrágios para os índices de estrutura religiosa e os de menor monta para os característicos da estrutura científica. A muita gente pareceria que o lógico seria inverter a colocação dessas duas parcelas. Os que lembrassem tal estariam confundindo "estrutura científica" com "saber" e "estrutura religiosa" com "prática religiosa", que entretanto são coisas diferentes, profundamente diferentes. Não o diriam, porém, quantos se houvessem enfiado nas doutrinas de SPRANGER, diretamente, ou através de seus divulgadores.

Só quem não estiver, portanto, intelectualmente apetrechado com convívio da teoria do ilustre psicólogo teutônico terá tido a surpresa que aludo. Os demais, não. Para os demais, os resultados do inquérito se enquadram nas previsões científicas normais. A porção dos itens fixando como predicados do professor certas sortes de conhecimentos, isto é, certa quantidade de "saber" foram por nós capitulados, com justa razão, como "qualidades técnicas" e não "de estrutura científica" cujo indicio mais sintomático é o espírito de pesquisa (ou seja, amor ao estudo, espírito de iniciativa) e o método no trabalho (método, clareza de expressão).

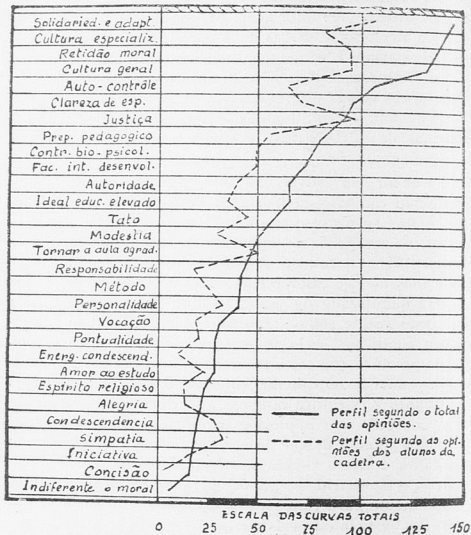
Quanto à estrutura religiosa, caracterizada, em essência, pela veneração que implica a humildade e a caridade, não pode logicamente deixar de ser apanágio do bom educador que adora a Deus, venera seus superiores, seus guias, seus mestres, e tem caridade (amor) para com seus semelhantes, especialmente para com seus discípulos, não importa de que valor, inteligência ou perfeição.

Também o autor teve surpresa ao chegar à apuração final. Mas sua surpresa foi de ordem diferente. Foi a de ter havido confirmação tão brilhante e tão completa de idéias que já tem exposto, antes do inquérito ter tido conclusão, e que apresentará em livro.

Haverá possivelmente, à vista da concordância dos re-

0 10 20 30

ESCALA DA CURVA DAS OPINIÕES DOS ESTUDANTES



— (Gráfico I) — Perfil resultante do total das respostas (linha cheia), e perfil obtido segundo os sufrágios dos alunos da cadeira de Administração escolar da Faculdade Católica de Filosofia. A escala da curva dos totais é cinco vezes menor que a utilizada para a curva representativa da opinião dos alunos.

sultados, algum maldoso, ou indivíduo de má fé, que chegue a supor tendências na condução ao inquérito. Não a houve absolutamente. Se publicássemos a lista de nomes dos consultados (o que a ética de pesquisador nos proíbe) ver-se-ia que ela é legitimamente multiforme, acotovelando-se dentro do inquérito pessoas de todas as crenças e descrenças.

Caso não baste para avaliar o inquérito à nossa palavra de cientista leal poderemos acrescentar que surpresíssimo com o resultado também ficou o meu brilhante companheiro de trabalho nessa pesquisa, o Revmo. Padre Helder Câmara. Ao participar-lhe o último apanhado geral êle se mostrou admiradíssimo, pois longe estávamos de pensar que os sufrágios de tantos elementos de polirômica e algo displicente sociedade carioca pudessem levar a resultados tão acordes com o pensamento dos que vêm a nossa ciência pelo ângulo dos nobres e imparciais ensinamentos da pedagogia perene.

Outra contraprova da sinceridade na condução da pesquisa está em que, de um lado, alguns dos itens resultantes dela não foram intensamente focalizados por nós na parte expositiva do volume que compusemos (a alguns mesmo nem sequer aludimos), e de outro lado, houve qualidades a que imprimimos muita ênfase e que o inquérito não traduziu no mesmo grau de intensidade.

SEGUNDO A FUNÇÃO

Proseguindo a análise da "coluna dos totais", podemos examinar agora o que diz a pesquisa a respeito das qualidades do professor consoante sua atividade seja considerada como "daquele que ensina", "daquele que educa" ou "daquele que administra".

Não é por certo fácil estabelecer, mesmo fluidamente, as linhas de demarcação entre essas três funções do professor, e, seguramente por essa razão, alguns tratadistas ladeiam a questão a ela não se referindo. Mas é fora de dúvida que essas três funções existem, exercidas pelo professor, não raro

concomitantemente e inseparavelmente. Um professor em sua aula ensina matéria desconhecida da classe, organiza os trabalhos e mantém a ordem (administra) para que o ensino possa ser devidamente acompanhado, e, ao mesmo tempo, pelo seu exemplo, por suas atitudes, está educando. Há casos, porém, que as funções se podem destacar facilmente. Quando o professor está escrevendo o relatório dos trabalhos do ano, desempenha função administrativa. Quando na classe se faz presente um inspetor de disciplina, êle o professor, pode se entregar ao exclusivo trabalho de ensinar o ponto do dia sem "tomar conta" dos alunos. Existem, sabidamente, trabalhos educacionais extra-classe e até extra-escolares que estão todavia sob o direto encargo do professor.

Examinando o QUADRO fomos tentados a verificar se, do nosso inquérito, se tirariam conclusões do modo pelo qual a sociedade brasileira via o professor em suas três funções basilares.

O desejo dessa análise conduziu a proceder a uma classificação dos itens dentro dessas três novas chaves. Não é fácil tarefa. Há nos 33 predicados do inquérito alguns que de fato pertencem a mais de uma função, às vezes às três. E há indubitáveis predicados de cada uma delas que não foram lembrados sequer uma só vez. É claro que essas faltas se originam de haver inúmeros trabalhos do professor (arquivamento, relatórios, problemas internos da escola) que passam inteiramente despercebidos ao grande público, que a êles, portanto, não podia fazer alusão nas entrevistas.

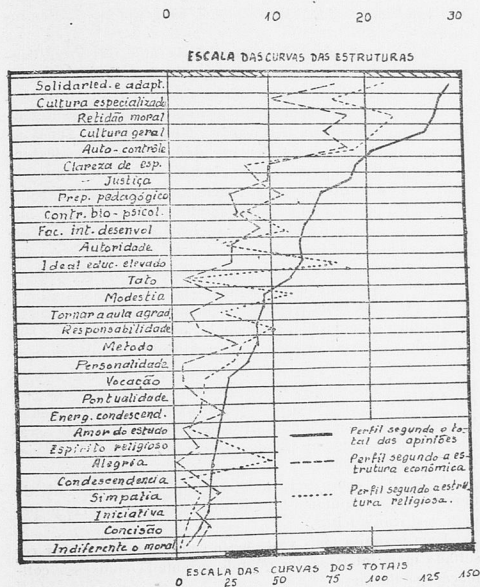
Limitemos-nos pois (como não podia deixar de ser) a computar os itens explicitamente formulados.

Que dizem essas apurações?

DISTRIBUIÇÃO DAS FUNÇÕES DO PROFESSOR

Funções	Quantidades	
	Itens	Indicações
Educacionais	22	1.207
Técnicas	14	898
Administrativas	6	289

GRAFICO N.º II



— (Gráfico II) — Confronto entre o perfil resultante das opiniões, em geral, (linha cheia) e dois outros perfis correspondentes às respostas obtidas num grupo de pessoas de "estrutura econômica", e outro de "estrutura religiosa".

1) Que o público arrola em maior número qualidades propriamente "daquele que educa". Nas rubricas tabuladas podem de fato ser considerados como aludindo a essa função nada menos de 22 dos 33 itens, congregando 1.207 indicações.

Os itens propriamente educacionais são a nosso ver, dentro do inquérito, os seguintes: espírito de solidariedade e adaptação à classe, retidão moral, auto-contrôle, justiça, conhecimentos bio-psicológicos, faculdade intelectual desenvolvida, autoridade, ideal educativo, tato, modéstia, senso de responsabilidade, método, personalidade, energia condescendente, espírito religioso, alegria, condescendência, simpatia, espírito de iniciativa, boa aparência, físico normal, higiene.

2) Que os itens da função administrativa em geral impressionam pouco o público brasileiro. Inscrevemos nesse setor apenas 6 dos itens do inquérito, os quais colheram 289 sugestões (justiça, autoridade, pontualidade, senso de responsabilidade, método e espírito de iniciativa).

3) Que os itens técnicos do inquérito são em número relativamente moderado, ao todo 14, os quais colheram 898 indicações. Consideramos como tendo finalidade nimiamente técnica, isto é, caracterizando "aquêle que ensina": cultura especializada, cultura geral, clareza de expressão, preparo pedagógico, conhecimentos bio-psicológicos, faculdade intelectual desenvolvida, ideal educativo elevado, tornar a aula agradável, método, amor ao estudo, espírito de iniciativa, convicção, boa dição, saúde.

Como há vários itens que revelam índices de mais de uma função, computamo-los nas três chaves supra, como poderá verificar o leitor.

Uma pesquisa mais vasta neste campo poderá trazer resultado mais interessantes quando orientada com essa colimação particular.

COLUNA DOS ALUNOS

A segunda coluna do QUADRO fornece as apurações daquilo que constituiu a primeira fase da atual pesquisa: au-

diência no grupo de alunos da Administração Escolar da Faculdade Católica de Filosofia. Foram ao todo 47 alunos.

Como, dentro do inquérito êsse grupo era o mais numeroso, quase o dôbro do de cada uma das estruturas, reduzimos, para efeitos de confronto, ao nível quantitativo dos outros dividindo por 2 a cifra de cada item.

Se veriássemos as respostas dos alunos pela ordem de freqüência, a ordenação, quanto aos itens, seria outra que a obtida para o conjunto do universo por nós, examinado. O gráfico n.º 1 põe em paralelo "visual" os dois perfis das qualidades (10): o total dos inquéritos e o da opinião dos estudantes.

O simples confronto, à vista, mostra que os estudantes dão assinalada ênfase a certos predicados dos mestres, embora ao conjunto da sociedade pareçam êles de menor importância. Para o estudante apresentam-se em destaque os predicados de: *justiça*, ideal educativo elevado, tato, *capacidade de tornar a aula agradável*, personalidade, amor ao estudo, e principalmente *espírito de iniciativa*. (Grifamos, na lista, aquêles que, por desníveis mais frisantes, tomaram especial destaque, isto é, aquelas qualidades a que os estudantes dão muito mais valor. De fato: todo estudante anseia por justiça nos julgamentos e igualmente anseia para que as aulas sejam agradáveis. O inquérito mostrou, porém, (o que já era menos sabido) que o estudante estima o espírito de iniciativa dos docentes, isto é, deseja ter em seus mestres guias de trabalho, líderes de empreendimentos.

Constituem *minimos* (11) relativos: o autocontrôle, a modéstia, e também (isso foi surpresa para o autor!) a cultura especializada. Parece, pelo resultado da pesquisa, que o estudante dá preferência ao professor de erudição geral,

(10) Julgamos oportuno lembrar que em matemática são chamados "maximum" e "minimum" os pontos "altos" ou "baixos" das curvas embora não sejam os mais altos nem os mais baixos do fenômeno, mas apenas pontos de maior ou menor crescimento das ordenadas.

(11) Vão em itálico as características mais marcantes.

de vistas largas, e aprecia menos o professor demasiadamente especializado, que mergulha profundamente em sua matéria.

Como é nosso propósito prosseguir no corrente ano a pesquisa, dirigi-la-emos em primeiro lugar, em 1945, para esse setor. Faremos, se Deus nos ajudar, entrevistar muito maior número de estudantes. Como na nossa pesquisa, pensamos adotar técnicas mais seguras, provavelmente nossos resultados virão mais rigorosos e mais significativos do que os até agora obtidos. E apurar-se-ão devidamente os casos de dúvida não só desta hipótese como de outras.

COLUNA DAS ESTRUTURAS

O quadro traz a seguir seis colunas que correspondem às estruturas esprangerinas.

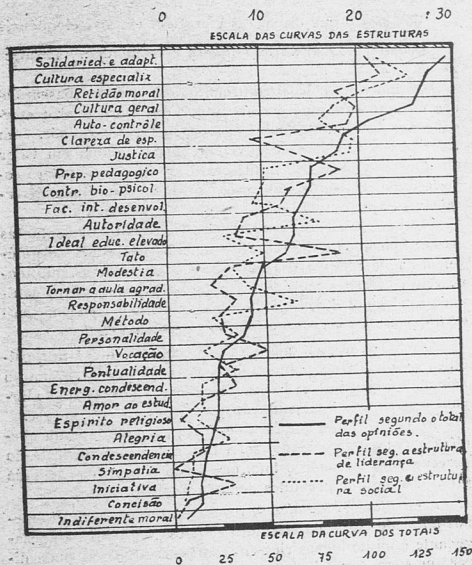
A análise dessas colunas apresenta duplo interesse: a) verificar a variação da importância das qualidades do professor de acordo com cada estrutura; b) verificar, em consequência, se as características teóricas dessas estruturas se revelaram no nosso inquérito.

Mais que pelas colunas numéricas do QUADRO esses resultados são vistos, quando localizados graficamente, em perfis. É o que está feito nos gráficos 2 a 4. Em cada um deles, colocamos, ao lado do perfil dos totais (linha cheia), dois outros (em linha pontilhada e interrompida) representativas da frequência de cada par de estruturas. Ao passo que o gráfico dos totais está em escala menor (1:100), os dois outros, para melhor se destacarem, são apresentados em escala cinco vezes maior (1:20).

Grupamos as seis estruturas em três minérios, que, por motivos óbvios, são os seguintes:

- a) estrutura religiosa e estrutura econômica (gráfico 2);

GRÁFICO N.º III



— (Gráfico III) — Confronto entre o perfil resultante das opiniões, em geral (linha cheia), e dois outros perfis, correspondentes às respostas obtidas num grupo de "estrutura de liderança" e outro de "estrutura social".

b) estrutura científica e estrutura estética (gráfico 3);

c) estrutura social e de liderança (gráfico 4).

Vejamos o que dizem esses gráficos em sua eloquência

Grupo a — Estruturas religiosa e econômica. (Gráfico 2).

Os indivíduos de *estrutura religiosa* acham (baseando-nos no inquérito) que o mais importante para o professor-educador é a retidão moral, colocando essa qualidade, em valor absoluto, acima de qualquer outra. Ainda em valor absoluto, entendem que cultura geral é superior a cultura especializada, em ambos os casos entrando em franca divergência com a "opinião mais comum" (traço cheio).

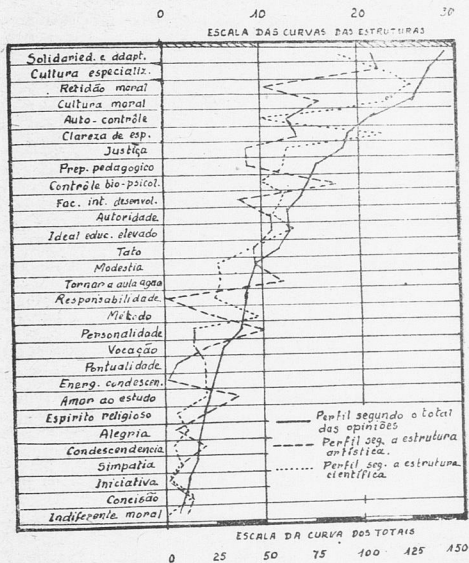
A curva da estrutura religiosa apresenta umas tantas cristas tipicamente diferenciais, algumas das quais de notável destaque relativo (na enumeração grifamos as qualidades cuja ênfase é mais forte): preparo pedagógico, facilidade intelectual desenvolvida, *ideal educativo elevado*, *modéstia*, *senso de responsabilidade*, e *espírito religioso*.

Conclui-se, assim, que para os portadores desse tipo psíquico as qualidades educacionais do professor estão muito acima das técnicas, e destas dão maior valor às que alargam o horizonte intelectual do professor (cultura geral).

Ao contrário do que fôra de prever, a qualidade da obediência (isto é, autoridade) sofreu no inquérito uma inflexão descendente, tal como o tato, que sob o nome de prudência é um dos mais importantes dons do Espírito Santo.

A *estrutura econômica* se revela em um perfil muito menos marcado que a da estrutura religiosa. Embora zigzagueante é muito menos rica em contrastes. Não se pode dizer que corra paralela à da "opinião mais comum", mas delas se afasta muito menos. Seus pontos máximos absolutos estão na "retidão moral" e no "autocontrole", que no ver dos econômicos do inquérito, sobrelevam ao professor quaisquer outros predicados. Seus mais destacados índices são os de: método, energia condescendente e simpatia, qualida-

GRÁFICO IV



— (Gráfico IV) — Confronto entre o perfil resultante das opiniões, em geral, (linha cheia), e dois outros perfis, correspondentes às respostas obtidas num grupo de "estrutura artística" e outro de "estrutura científica".

des essas que sem dúvida também figurariam em uma tabela de características da própria estrutura econômica, principalmente "método", que é a nosso ver o indicio mais seguro dos homens pertencentes a esse tipo psicológico.

Os antagonismos que a teoria expõe como existentes entre essas duas estruturas, os resultados da nossa pesquisa não os traduzem. Pelo contrário: estereotipa-se no gráfico, ainda que com diferenças de intensidade, certo paralelismo nas subidas e descidas, o que quer dizer que tanto os "religiosos" quanto os "econômicos", dentre os que foram ouvidos, seguramente por causas diversas, dão quase a mesma importância às várias qualidades constantes do QUADRO. Discordância nítida apenas quanto à "cultura geral" e ao "preparo pedagógico" que os "econômicos", em contraoposição aos "religiosos", subestimam decisivamente.

Grupo b — Estruturas científica e estética.

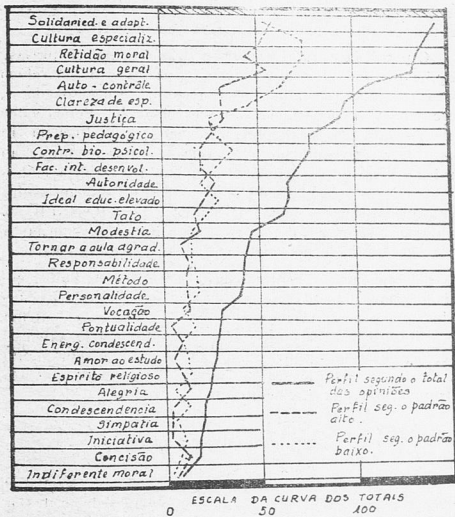
O confronto dos dois perfis deste grupo em oposição, ao que se nota com as do grupo (a), apresentam uma *allure* quase permanente de discordâncias. O que é ponto máximo de uma se apresenta na outra quase sempre como ponto mínimo. Como a seriação dos itens obedece à ordenação imposta pela "opinião mais comum", é fácil de compreender que os antagonismos são efetivos e não ocasionais resultantes de disposição arbitrária das respectivas rubricas.

Vejamos o que dizem os dois perfis do gráfico 3 sobre o julgamento que "científicos" e "artistas" fazem do professor.

Para os primeiros — estrutura científica — assim já víamos verificado para os religiosos, "retidão moral" é o mais importante dos predicados do professor. Seguem-se-lhe, como aliás fora de prever, a cultura especializada, a geral e a "clareza de exposição" que consegue para os desta estrutura psíquica destaque muito particular. São dignos de menção, como de muita importância relativa, os itens: de tornar a aula agradável, método e concisão.

GRÁFICO V

ESCALA DAS CURVAS DOS PADRÕES



— Gráfico V) — Confronto entre o perfil resultante das opiniões, em geral, (linha cheia), e dois outros perfis, correspondentes às respostas obtidas, em dois grupos de pessoas, diferenciados por seu mais alto ou mais baixo padrão social. Os três perfis estão desenhados na mesma escala.

Alguns dos mínimos da curva da estrutura científica nos causaram certo espanto, principalmente os correspondentes às rubricas de auto-contrôle, faculdade intelectual desenvolvida (inteligência) e espírito de iniciativa, pois que *a priori* parecem reveladores do "pesquisador". Os demais pontos críticos, quer de "altos" quer de "baixos", não têm, para a estrutura científica, maior significação no inquérito.

O perfil da *estrutura artística* traz algumas surpresas. Aquilo que, em valor absoluto, tem no professor maior relevo para os estetas (do inquérito) é a cultura especializada, e, logo depois, os conhecimentos bio-psicológicos. Pouco valor relativo concedem ao preparo pedagógico, à inteligência, ao senso de responsabilidade, à energia (condescendente), ao espírito de iniciativa, qualidades estas a que de fato sonhadores não concedem grande importância. Também traduzem aspectos lógicos dentro da doutrina de SPRANGER os pontos de *maximum* que se avolumam nos itens: tornar a aula agradável, de personalidade, e de condescendência.

Somando prós e contras constata-se que, em linhas gerais, há mais concordância que discordâncias entre os resultados obtidos no inquérito e os preceitos teóricos da doutrina de SPRANGER. Da análise desse segundo binário, salvo as exceções aberrantes, teoria e inquérito se harmonizam quanto às estruturas científica e estética, da mesma sorte que nas estruturas religiosa e econômica.

Grupo c — Estrutura social e de liderança.

Ao contrário talvez do que fôra de prever, "sociais" e "líderes" não colocam no ápice das qualidades do professor aquilo que a "opinião mais comum" assim sugeriu, ou seja, a solidariedade e adaptação do professor à classe. Ambos, a este predicado social do educador, superpõem o índice técnico de cultura especializada.

A não ser em uns dois ou três pontos que anotaremos, os dois perfis marcham, como fôra de supor, em paralelismo.

É está certo que assim seja porque o líder é um "social" com muita iniciativa e com ímpetos de mando.

Para os líderes (do inquérito) foram consideradas qualidades de preemiência (em relação à "opinião mais comum"): (11) clareza de expressão, *justiça, autoridade, tato, senso de responsabilidade, personalidade, pontualidade e alegria*, predicados estes que de modo geral também pertencem aos líderes.

Os "sociais" (do inquérito) destacaram em confronto com a "opinião mais comum" os requisitos de preparo pedagógico, *tato, senso de responsabilidade, vocação, energia*, (condescendente) e *espírito de iniciativa*. Tais requisitos são de fato, em geral, peculiares aos indivíduos de estrutura social.

Ainda este último binário é também favorável ao julgamento anteriormente explanado, de coincidências entre o resultado do inquérito e os límpidos fundamentos da doutrina de SPRANGER.

COLUNA DOS PADRÕES

Como já esclarecido em parágrafo anterior, designamos, para facilidade de exposição, pelas palavras *padrão alto* e *padrão baixo* dois conjuntos característicos de nossa apuração.

Como deve estar recordado o leitor, ao mandar proceder às entrevistas com os diversos "representantes" (chamemo-los assim) das estruturas, recomendamos fossem escolhidos em cada qual delas um que exponenciasse o nível mais alto e um outro do nível mais baixo. Falando em "alto" e "baixo" sugere-se um desnível. Este não é, porém, propriamente social, porque em muitos casos apenas de idade, em outros de natureza de profissão, ainda que em mais outros a diferença seja principalmente social. Falando em "padrão alto" e "padrão baixo" usamos expressão larga dentro da qual ficam incluídas todas as hipóteses.

O gráfico 5 põe em paralelo a curva da "opinião mais comum" e as dos "padrões", sendo que neste caso as três foram desenhadas na mesma escala.

Como fôra de prever, ambas as curvas "de padrões" correm a bem dizer no mesmo declive da dos "totais". E, também, como fôra de prever, correm entrelaçando-se uma na outra, o que quer dizer que, para cada rubrica, aquilo a que o padrão baixo dá um pouco mais de ênfase o padrão alto desvaloriza a importância, e vice-versa.

O aspecto das duas curvas é, à simples vista, tão eloquente que nos dispensamos de comentários para cada caso particular, pois seriam a bem dizer supérfluos. Os trechos de paralelismo são curtos; os de coincidência, raros.

Essa antinomia de opiniões entre os dois padrões de cada estrutura fôra, como dissemos, de fácil previsão, pois que, no caso, as divergências decorrem do antagonismo de cultura e maturidade dos dois conjuntos considerados.

EVERARDO BACKHEUSER

Notas oficiais

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PORTARIA N.º 4

Baixa instruções reguladoras do concurso para provimento do cargo de professor primário, regente de classe

O Secretário da Educação, usando de suas atribuições e tendo em vista o art. 2.º, § 3.º, do Decreto-lei 1.876, de 29 de outubro de 1946, resolve baixar as seguintes instruções, reguladoras do concurso para provimento do cargo de professor primário, regente de classe:

Art. 1.º O concurso, que será de títulos, abrangerá todo o Estado e se processará no correr do mês de dezembro de cada ano.

Art. 2.º Poderão concorrer ao concurso os brasileiros diplomados pelo curso de formação de professores, pelo curso normal de 2.º grau, pelo curso de regentes do ensino primário e pelo normal de 1.º grau.

Art. 3.º O concurso será processado pelo Departamento de Educação e os resultados do mesmo serão publicados no órgão oficial do Estado.

Art. 4.º O candidato deverá declarar no requerimento de inscrição a localidade ou localidades para onde deseja ser nomeado, estabelecendo-se uma ordem de classificação para cada unidade administrativa.

Art. 5.º Do requerimento de inscrição deverá constar, além da indicação exigida no artigo anterior:

- a) nome do candidato;
- b) data do nascimento;
- c) naturalidade;
- d) filiação;
- e) indicação da escola que expediu o diploma, o grau

dêste, declaração de seu registro na Secretaria da Educação, as notas discriminadas de aprovação das matérias de que trata a letra "a", do art. 6.º, desta Portaria;

f) tempo de serviço que porventura conte, mesmo como substituto, em estabelecimento oficial, com indicação dêste, declarando, no caso de substituição, o nome do substituído;

g) trabalhos de natureza educativa realizados em outros setores.

Art. 6.º As classificações no concurso serão feitas mediante os seguintes critérios e elementos:

a) média ponderada das notas de aprovação final no curso e constantes do diploma, dentro das seguintes bases:

Média das notas de psicologia, metodologia e prática profissional valorizadas com o peso 4;

Nota de português, peso 3;

Média das notas de matemática, peso 2;

Média das notas de geografia e história, peso 1;

b) quando o diploma fôr de 2.º grau ou do curso de formação de professores, a média será multiplicada por 3;

c) notas de eficiência, graduadas de 0 a 10 e tempo de serviço prestado, mesmo como substituto, em estabelecimento oficial de ensino, fornecidas pelo diretor do estabelecimento, em se tratando de grupo escolar ou escolas reunidas e pelo inspetor regional do ensino, no caso de escola isolada;

d) notas de merecimento em trabalhos de natureza educativa realizados em outros setores, atribuídas pelo Departamento de Educação e graduadas de 0 a 10.

Parágrafo único — os elementos "a, c" e "d", constituirão notas distintas que, somadas, darão o número de pontos para a classificação.

Art. 7.º A validade do concurso estender-se-á de 1.º de janeiro a 31 de dezembro de cada ano e as nomeações, que serão feitas de acordo com as necessidades do ensino, obedecerão à ordem de classificação dos candidatos.

Art. 8.º Em igualdade de condições, terão preferência para nomeação:

a) os que possuírem diploma de curso normal de 2.º grau ou curso de formação de professores;

b) os diplomados pelas Escolas Normais do Estado de Minas Gerais.

Art. 9.º Os professores do padrão A, nomeados antes da vigência do Decreto-lei n.º 1.876, de 29 de outubro de 1946, candidatos a remoção para a Capital, poderão inscrever-se no concurso, devendo ser atendidos de acordo com a ordem de classificação.

Art. 10. Na vigência do concurso, a remoção de professores do padrão A só se verificará quando não houver, para a localidade, candidato classificado, ou quando a nota de merecimento do candidato à remoção seja superior a do classificado, salvo o disposto no artigo 547, do Decreto n.º 7.970 — A, de 15 de outubro de 1927.

Art. 11. O candidato classificado e nomeado na forma desta Portaria para uma das localidades de sua escolha no ato da inscrição, e que não aceitar a nomeação, ficará excluído da lista de candidatos classificados.

Secretaria da Educação, em Belo Horizonte, 27 de novembro de 1946. — (a.) *Tristão da Cunha*, Secretário da Educação.

EDITAL

De ordem do Sr. Secretário da Educação, ficam abertas neste Departamento, de 29 do corrente até 28 de dezembro próximo, as inscrições ao concurso de que trata o artigo 2.º do Decreto-lei n.º 1.876, de 29 de outubro de 1946, para o provimento do cargo de professor primário, regente de classe.

1 — O concurso que será de títulos, abrangerá todo o Estado e se processará logo após o encerramento das inscrições.

2 — As inscrições e o processamento do concurso se farão nos termos da portaria baixada pelo Sr. Secretário da Educação, nesta data, e publicada no "Minas Gerais".

3 — Poderão concorrer ao concurso os brasileiros diplomados pelo Curso de Formação de Professores Primários ou Curso Normal do 2.º grau, seu equivalente, bem como os que possuam o curso de regentes do ensino primário ou o Curso Normal do 1.º grau, seu equivalente.

4 — O candidato deverá declarar no requerimento de inscrição a localidade ou localidades para onde deseja ser nomeado, estabelecendo-se uma ordem de classificação para cada unidade administrativa.

5 — As inscrições se farão mediante requerimento dirigido ao Superintendente do Departamento de Educação, do qual deverá constar, além da indicação exigida no número anterior:

- a) nome do candidato;
- b) data do nascimento;
- c) naturalidade;
- d) filiação;
- e) indicação da escola que expediu o diploma, o grau

dêste, o número de seu registro na Secretaria da Educação, as notas discriminadas de aprovação das matérias de que trata a letra "a" do item 6, dêste edital;

f) o tempo de serviço que porventura conte, mesmo como substituto, em estabelecimento oficial, com a indicação dêste, declarando, no caso de substituição, o nome do substituído;

g) trabalhos de natureza educativa realizado em outros setores.

6 — As classificações no concurso serão feitas mediante os seguintes critérios e elementos:

a) média ponderada das notas de aprovação final no curso e constantes do diploma, dentro das seguintes bases:

Nota de português (pêso 3);

Média das notas de matemática, pêso 2;

Média das notas de geografia e história, pêso 1;

b) quando o diploma fôr de 2.º grau ou do curso de formação de professores, a média será multiplicada por 3;

c) notas de eficiência, graduadas de 0 a 10 e tempo de serviço prestado, mesmo como substituto, em estabelecimento oficial de ensino, fornecidas pelo diretor do estabelecimento, em se tratando de grupo escolar ou escolas reunidas e pelo inspetor regional do ensino, no caso de escola isolada;

d) notas de merecimento em trabalhos de natureza educativa realizados em outros setores, atribuídas pelo Departamento de Educação e graduadas de 0 a 10.

7 — Os elementos "a", "c" e "d" constituirão notas distintas que, somadas, darão o número de pontos para a classificação.

8 — A validade do concurso estender-se-á de 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1947 e as nomeações, que serão feitas de acôrdo com as necessidades do ensino, obedecerão à ordem de classificação dos candidatos.

9 — Os resultados do concurso serão publicados no órgão oficial do Estado, para conhecimento dos interessados.

10 — Em igualdade de condições, terão preferência para nomeação:

a) os que possuírem diploma de curso normal de 2.º grau ou de curso de formação de professores;

b) os diplomados pelas Escolas Normais do Estado de Minas Gerais.

11 — Os professores do padrão A, nomeados antes da vigência do Decreto-lei n.º 1.876, de 29 de outubro de 1946, candidatos à remoção para a Capital, poderão inscrever-se no concurso, devendo ser atendidos de acôrdo com a ordem de classificação.

12 — Na vigência do concurso, a remoção de professores do padrão A só se verificará quando não houver, para a localidade, candidatos classificados, ou quando a nota de me-

recimento do candidato a remoção seja superior à dos classificados, salvo disposto no art. 547 do Decreto n.º 7.970-A, de 15 de outubro de 1927.

13 — O candidato classificado e nomeado na forma deste edital para uma das localidades de sua escolha no ato da inscrição, e que não aceitar a nomeação, ficará excluído da lista de candidatos classificados.

14 — O requerimento de inscrição do candidato não funcionário público deverá ser selado com o selo estadual devido nos requerimentos.

Belo Horizonte, 27 de novembro de 1946. — (a.) *Emílio Guimarães Moura*, Superintendente do Departamento de Educação.

TABELA DE ANÚNCIOS

Na capa (lado externo),	1 página	500,00
" " " "),	½ "	300,00
" " " interno),	1 "	300,00
" " " "),	½ "	200,00

Em páginas suplemento, no texto, o preço será previamente combinado.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, bem como os anúncios em cores, pagarão preços especiais previamente combinados.

Esta tabela vigorará no ano de 1947.

IMPRESSO NAS OFICINAS DA
IMPrensa OFICIAL DO ES-
TADO DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE — 1947